



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS CURITIBANOS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Natalia Nichele Pienta

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE
CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA**

Curitibanos

2025

Natalia Nichele Pienta

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE
CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA**

Relatório de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório do curso de Graduação em Medicina Veterinária do Centro de Ciências Rurais da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador(a): Prof.(a) Malcon Andrei Martinez Pereira.

Curitibanos

2025

Pienta, Natalia Nichele

Relatório de estágio curricular supervisionado na área de cirurgia de pequenos animais e oftalmologia veterinária / Natalia Nichele Pienta ; supervisor, Malcon Andrei Martinez Pereira, 2025.

59 p.

Relatório de Estágio - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária, Curitibanos, 2025.

Inclui referências.

1. Medicina Veterinária. 2. clínica cirúrgica. 3. doenças oftálmicas em pequenos animais. I. Pereira, Malcon Andrei Martinez. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Natalia Nichele Pienta

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE
CIRURGIA DE PEQUENOS ANIMAIS E OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA**

O presente relatório de estágios em nível de bacharelado foi avaliado e aprovado como requisito para obtenção do título de Médica veterinária pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Curitiba, 2 de dezembro de 2025

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Malcon Andrei Martinez Pereira, Dr.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof. Malcon Andrei Martinez Pereira, Dr.

Orientador

Insira neste espaço
a assinatura

M. V. Brenda Correa Lagarreta

PPGMVCI – UFSC

Insira neste espaço
a assinatura

M. V. Higor Manuel Camargo dos Santos

PPGMVCI – UFSC

Curitiba

2025

AGRADECIMENTOS

A frase “Somos do tamanho dos nossos sonhos” do poeta Fernando Pessoa, repetida tantas vezes pela minha mãe, me acompanhou desde o momento em que sonhei em entrar na Universidade Federal de Santa Catarina, lugar que se tornou meu lar por cinco anos e onde vivi capítulos inesquecíveis da minha vida. Minha mãe, mulher forte e incansável, foi alicerce que sustentou cada passo dessa caminhada. Mesmo quando não podia nos dar tudo, fazia o impossível para que eu e minha irmã tivéssemos asas para alcançar nossos próprios sonhos. Minha eterna gratidão, mãe. Agradeço também ao meu pai, que esteve presente nos momentos bons e ruins, acompanhando cada etapa dessa jornada e me apoiando em todos os momentos.

À minha irmã, que sempre foi minha base, minha melhor amiga e confidente, obrigada por acreditar no meu caminho na medicina veterinária antes mesmo de eu acreditar. Você transformou dúvida em coragem e sonho em realidade. Sou sua maior admiradora.

Gratidão a Gabriely Balboeno, minha parceira, minha companheira de madrugadas de estudos, choros, risadas e vitórias compartilhadas. Você foi meu suporte diário, meu porto seguro e a voz que me lembrava do meu potencial quando eu mesma duvidava. Seu amor e sua amizade foram fundamentais para cada etapa desse processo.

Às Federais de Santa Catarina, Santa Maria e do Paraná, que se tornaram minha casa e me ajudaram a crescer como estudante e futura médica veterinária, deixo meu sincero agradecimento. A todos que cruzaram meu caminho acadêmico e tornaram essas trajetórias possíveis, meu orientador, professor Malcon, pela paciência, apoio e presença constante ao longo da graduação. Aos professores Rafael, Juliano, Juliana, Felipe, Marcy e Sandra, pela dedicação e pelas oportunidades na medicina veterinária. Aos residentes, especialmente Lory e Amanda, que foram muito mais do que colegas, foram amigas nessa fase tão intensa.

Aos amigos que marcaram essa história, Allan, Annelise, Mariana, Italu, Pamela, Vinicius, Rafael, Rúbia, Lana e a todos aqueles que, de alguma forma, estiveram ao meu lado e contribuíram para o meu amadurecimento, obrigada por cada palavra e cada momento de apoio. Vocês foram essenciais para que essa caminhada fosse possível e mais leve.

A todos vocês, meu carinho, minha gratidão e a certeza de que nada disso teria sido possível sem o apoio e o amor que recebi ao longo desse caminho. Obrigada por fazerem parte desse sonho.

RESUMO

O presente relatório descreve as atividades desenvolvidas durante o estágio curricular obrigatório, disciplina ofertada na décima fase do curso de medicina veterinária da Universidade Federal de Santa Catarina e requisito final para a obtenção do título de bacharel em medicina veterinária pela Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio foi realizado entre 18 de agosto a 14 de novembro de 2025, totalizando 520 horas, e estruturado em duas etapas, abrangendo as áreas de clínica cirúrgica de pequenos animais e oftalmologia veterinária. A primeira etapa foi conduzida no hospital veterinário universitário de Santa Maria, com ênfase na clínica cirúrgica de pequenos animais, sob supervisão do professor Daniel Curvello. A segunda etapa ocorreu no hospital veterinário da universidade federal do Paraná, na área de oftalmologia veterinária, sob supervisão do professor Fabiano Montiani. A experiência possibilitou a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo da graduação, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades técnicas, aprimoramento profissional, ampliação do networking, além de promover significativo crescimento pessoal. O estágio mostrou-se essencial para consolidar a formação acadêmica e preparar de maneira mais completa a futura médica veterinária para o mercado de trabalho.

Palavras-chave: medicina veterinária; clínica cirúrgica; doenças oftálmicas em pequenos animais.

ABSTRACT

This report describes the activities carried out during the mandatory curricular internship, a course offered in the tenth phase of the Veterinary Medicine program at the Federal University of Santa Catarina and the final requirement for obtaining the bachelor's degree. The internship was conducted from August 18 to November 14, 2025, totaling 520 hours, and was structured in two stages, covering the areas of small animal surgical clinic and veterinary ophthalmology. The first stage was carried out at the University Veterinary Hospital of Santa Maria, with an emphasis on the small animal surgical clinic, under the supervision of Professor Daniel Curvello. The second stage took place at the Veterinary Hospital of the Federal University of Paraná, in veterinary ophthalmology, under the supervision of Professor Fabiano Montiani. The experience enabled the practical application of the theoretical knowledge acquired throughout the undergraduate program, contributing to the development of technical skills, professional improvement, expansion of networking, as well as promoting significant personal growth. The internship proved essential for consolidating academic training and more fully preparing the future veterinarian for the job market.

Keywords: veterinary medicine; surgical clinic; ophthalmic diseases in small animals.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. HVU-UFSM. A. Vista de satélite da localização do HVU no bairro Camobi. B. Fachada.	17
Figura 2. Recepção e sala de espera.	18
Figura 3. HVU-UFSM. A. Ambulatório. B. Sala de urgência.	19
Figura 4. UIPA e sala de curativos. A. UIPA para cães. B. UIPA para gatos. C. Sala de curativos.	20
Figura 5. Sala de preparo do paciente para procedimento cirúrgico.	21
Figura 6. Centro cirúrgico. A. Vestiário. B. Quadro de cirurgias.	21
Figura 7. Centro cirúrgico. A. Lavatório. B. Segunda sala cirúrgica. C. Sala de recuperação no pós-cirúrgico. D. Sala de materiais.	22
Figura 8. HV-UFPB. A. Localização. B. Fachada.	37
Figura 9. Recepção do HV.	39
Figura 10. HVUFPB. A. Farmácia. B. Sala de procedimentos. C. Setor de imagem. D. Consultório de clínica geral.	40
Figura 11. Sala dos residentes da oftalmologia Veterinária.	41
Figura 12. Ambulatório da Oftalmologia Veterinária.	42
Figura 13. Materiais do exame oftálmico. A. Tonômetro. B. Lente de 20 dioptrias. C. Fotocromático. D. Lupa de cabeça com lanterna. E. Lâmpada de fenda portátil. F. Fita para teste de Schirmer. G. Teste em fita de fluoresceína. H. Paquímetro. I. Oftalmoscópio binocular direto.	42
Figura 14. Materiais mais utilizados para as cirurgias oftálmicas.	43
Figura 15. Centro cirúrgico oftálmico.	44

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Casuística dos pacientes atendidos no HVU de Santa Maria, divididos por espécie e sexo.....	24
Tabela 2. Casuística dos pacientes caninos e felinos no HVU de Santa Maria, divididos e faixa etária.	25
Tabela 3. Distribuição dos procedimentos cirúrgicos segundo o sistema orgânico acometido e a espécie atendida.	25
Tabela 4. Casuística dos procedimentos cirúrgicos do sistema geniturinário realizados durante o estágio, conforme a espécie.	26
Tabela 5. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema hemolinfopoiético acompanhados no estágio curricular, separados por espécies.	27
Tabela 6. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema musculoesquelético acompanhados no estágio curricular, separados por espécies.	28
Tabela 7. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema tegumentar acompanhados durante o estágio curricular, separados por espécies.	29
Tabela 8. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema digestório realizados durante o estágio, separados por espécies.	31
Tabela 9. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema sensorial acompanhados durante o período de estágio curricular, separados por espécies.	32
Tabela 10. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema respiratório acompanhados durante o estágio curricular, da espécie canina.	33
Tabela 11. Distribuição das consultas clínicas cirúrgicas de acordo com a Especialidade.	35
Tabela 12. Casuística de afecções de Tecidos Moles.	35
Tabela 13. Casuística de afecções de ortopédicos.	36
Tabela 14. Casuística dos pacientes atendidos no HV da UFPR, distribuídos por espécie e por sexo.	46
Tabela 15. Casuística da faixa etária dos pacientes caninos e felinos atendidos no HV da UFPR.	46
Tabela 16. Afecções divididas em sistema oftálmico conforme a espécie.	46
Tabela 17. Casuística de afecções de pálpebra acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie canina e felina.	47
Tabela 18. Procedimentos ambulatoriais de pálpebra realizados em consultório, divididos conforme a espécie.	48

Tabela 19. Casuística de afecções de córnea acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie canina e felina.	48
Tabela 20. Casuística de afecção de lente acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie.	49
Tabela 21. Casuística das afecções do sistema lacrimal conforme a espécie.	49
Tabela 22. Outras afecções acompanhadas no período de estágio curricular conforme a espécie.	49
Tabela 23. Afecção em retina acompanhadas no período de estágio curricular conforme a espécie.	51
Tabela 24. Afecções em bulbo acompanhadas durante o período de estágio distribuídas conforme a espécie.	52
Tabela 25. Procedimentos cirúrgicos, divididos em sistema sensorial ocular conforme a espécie.	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABINPET	Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação
APR	Atrofia Progressiva de Retina
AVDC	<i>American Veterinary Dental College</i>
CAAF	Citologia Aspirativa por Agulha Fina
CCPA	Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais
CCS	Ceratoconjuntivite seca
DP	Doença Periodontal
ERG	Eletrorretinografia
HVU-UFSM	Hospital Veterinário Universitário de Santa Maria
HVU	Hospital Veterinário Universitário
HV-UFPR	Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná
HV	Hospital Veterinária
MPA	Medicação Pré-Anestésicas
MCT	Mastocitoma Cutâneo
PA	Pronto Atendimento
PDA	Persistência do Ducto Arterioso
PIO	Pressão Intraocular
RG	Registro Geral dos pacientes
SARDS	Síndrome de Degeneração Retiniana Adquirida Súbita
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UIPA	Unidade de Internamento de Pequenos Animais
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
2 HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	17
2.1 INSTALAÇÕES E FLUXO INTERNO	18
2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	23
2.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO HVU-UFSM	24
2.3.1 CLÍNICA CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS	25
<i>2.3.1.1 Sistema Orgânicos</i>	25
<i>2.3.1.2 Sistema geniturinário</i>	25
<i>2.3.1.3 Sistema hemolinfopoiético</i>	27
<i>2.3.1.4 Sistema musculoesquelético</i>	28
<i>2.3.1.5 Sistema Tegumentar</i>	29
<i>2.3.1.6 Sistema digestório</i>	31
<i>2.3.1.7 Sistema sensorial</i>	32
<i>2.3.1.8 Sistema respiratório</i>	33
<i>2.3.1.9 Sistema cardiovascular</i>	34
<i>2.3.1.10 Sistema endócrino</i>	34
2.4 CONSULTAS CLÍNICO CIRÚRGICAS DE PEQUENOS ANIMAIS	34
2.4.1 Tecidos moles	35
2.4.2 Afecções ortopédicas	36
2.4.3 Afecções odontológicas.....	36
3 HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ	37
3.1 INSTALAÇÕES E FLUXO INTERNO	38
3.2 SETOR DE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA	3940
3.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO DA UFPR	453
3.3.1 CLÍNICA OFTALMOLÓGICA VETERINÁRIA	46
<i>3.3.1.1 Afecção em pálpebra</i>	47
<i>3.3.1.2 Afecção em córnea</i>	48
<i>3.3.1.3 Afecção em lente</i>	49
<i>3.3.1.4 Afecções do sistema lacrimal</i>	49
<i>3.3.1.5 Outros</i>	49
<i>3.3.1.6 Afecção em retina</i>	51

3.3.1.7 Afecção em úvea.....	52
3.3.1.8 Afecção em globo ocular.....	52
3.3.1.9 Afecção em íris	53
3.3.1.10 Afecção em conjuntiva.....	53
3.4 CLÍNICA CIRÚRGICA OFTALMOLÓGICA VETERINÁRIA	53
4 CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (ABINPET), em 2024 o Brasil ocupa a terceira posição no ranking mundial da população total de animais de estimação, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da China. O setor pet movimentou, neste mesmo ano, aproximadamente R\$ 75,4 bilhões no país, destacando-se, neste contexto, o segmento de serviço veterinários, que ocupa a quarta posição no faturamento. Diante desse cenário, a medicina veterinária de pequenos animais no Brasil apresenta um crescimento contínuo em sua demanda.

Ao longo da formação acadêmica em medicina veterinária, assim como ocorre nas demais áreas de saúde, torna-se crucial a junção entre o conhecimento teórico e o prático, para que seja possível uma melhor consolidação do aprendizado. Neste contexto a disciplina de estágio curricular obrigatório é realizada no décimo semestre de Medicina Veterinária. Nesta fase, o discente tem a oportunidade de escolher a área e o local de interesse, onde, sob supervisão, poderá aperfeiçoar e consolidar habilidade práticas e técnicas relacionadas aos conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória acadêmica. Com a carga horária total 450 horas, o estágio constitui um dos pré-requisitos indispensáveis para obtenção do título de bacharel em Medicina Veterinária na Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC).

Dessa forma, o presente relatório tem por finalidade apresentar a descrição das concedentes de estágio curricular, bem como as atividades nele desempenhados, no período entre 18 de agosto a 14 de novembro, estruturando-se em duas etapas distintas. A primeira etapa, foi realizada no período de 18 de agosto a 3 de outubro, ocorrendo no Hospital Veterinário Universitário de Santa Maria (HVU-UFSM), com enfoque na área de clínica cirúrgica de pequenos animais (CCPA). A segunda etapa do estágio, por sua vez, foi desenvolvida entre o dia 6 de outubro a 14 de novembro, no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Paraná (HV-UFPR), com ênfase na especialidade de Oftalmologia Veterinária.

2 HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

O hospital veterinário (HVU) de Santa Maria, localizado no estado do Rio Grande do Sul, integra o complexo de centro de ciências rurais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Em funcionamento contínuo desde 1972, a instituição, tem ao longo dos anos, aprimorado e expandido suas atividades voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão. A Figura 1 apresenta a instituição que está localizada no prédio 97, na extremidade sul da cidade universitária, na Avenida Roraima, nº1000, no bairro Camobi.

Figura 1. HVU-UFSM. A. Vista de satélite da localização do HVU no bairro Camobi. B. Fachada.



Fonte: Arquivo pessoal (2025) e google Earth.

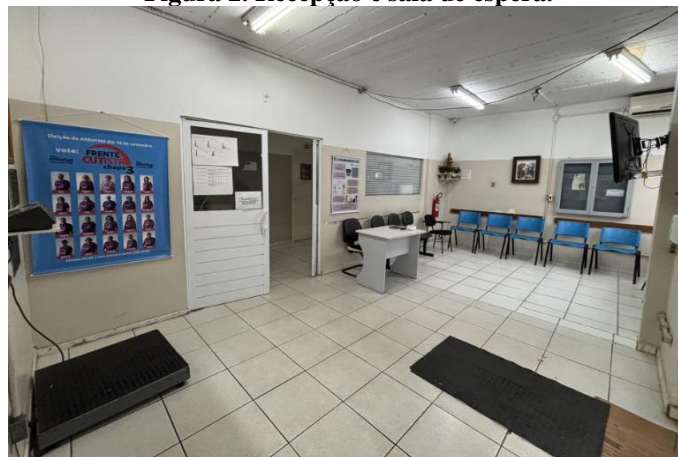
Enquanto hospital escola, o HVU-UFSM presta serviços tanto à comunidade acadêmica quanto à população em geral, conciliando atividades clínicas e cirúrgicas com ações de caráter didático, destinada aos alunos e estagiários. A instituição dispõe de um setor dedicados a grandes animais e pets não convencionais, e conta ainda, de forma paralela ao hospital, com setores especializados em neurologia, oftalmologia e patologia veterinária. O horário de atendimento ocorre de segunda a sexta-feira, das 7:30h às 19:30h. Nos demais períodos, como período noturno e finais de semana, são realizados exclusivamente atendimentos emergenciais voltados aos pacientes previamente internados durante a semana e os cuidados gerais destinados a eles, os quais ficam sob a responsabilidade dos residentes, conforme a escala previamente estabelecida.

No setor de pequenos animais, temos as áreas de análises laboratoriais, anestesiologia, clínica cirúrgica, clínica médica e diagnóstico por imagem. Cada uma possui, no mínimo um médico veterinário responsável, além de residentes, técnicos, mestrandos, doutorandos, estagiários e bolsistas vinculados a instituições.

2.1 INSTALAÇÕES E FLUXO INTERNO

O HVU dispõe de diferentes setores que compõem a estrutura do hospital, logo na entrada, indicada na Figura 2, encontra-se a sala de espera, onde ocorre a recepção dos pacientes e tutores. O atendimento é realizado exclusivamente mediante agendamento prévio ou em emergências ou urgência. Na recepção, inicia-se à pesagem dos animais e o cadastramento de informações essenciais, como o registro geral (RG) do paciente, nome do paciente e de seu tutor, idade, sexo e raça. Nesse setor, há ainda o caixa, destinado ao acerto de valores referentes aos procedimentos realizados.

Figura 2. Recepção e sala de espera.



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

O hospital conta ainda com dez ambulatório, apresentados na Figura 3, dos quais um é voltado especificamente à ensino. Neles, são realizadas as consultas clínicas, dispendo de todos os insumos necessários para a realização de atendimento e de procedimento simples, cabendo unicamente de responsabilidade do próprio médico veterinário trazer seus próprios instrumentais pessoais, como termômetro e o estetoscópio. Além disso, cada ambulatório possui um computador com acesso ao sistema do hospital (Simplesvet[®]), permitindo o acesso completo ao prontuário do paciente, bem como o registro, pelo próprio médico veterinário, de todas as informações referentes à consulta. Os atendimentos de urgência, por sua vez, são realizados em consultório específico, equipado com monitor multiparamétrico, traqueotubo,

oxigênio, ambu, material para acesso venoso, medicamentos como analgésicos, antiarrítmicos, anticonvulsivantes e vasopressores, além de materiais como sondas e materiais para curativos. O ambiente é preparado para garantir resposta rápida e eficiente, oferecendo suporte imediato a pacientes descompensados conforme a demanda e a gravidade do caso.

Figura 3. HVU-UFSM. A. Ambulatório. B. Sala de urgência.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A instituição dispõe da unidade de internamento de pequenos animais (UIPA, Figura 4), que engloba duas salas específicas, uma destinada à internação de cães e a outra destinada à internação de gatos. Anexada a cada uma delas, encontra-se uma sala de curativos. As fichas dos pacientes permanecem fixadas na porta das gaiolas, possibilitando a pronta identificação dos dados dos pacientes, bem como da suspeita diagnóstica ou o diagnóstico estabelecido. Na UIPA, são internados tanto os pacientes de pós-cirúrgico quanto aqueles que necessitam da internação por outras condições clínicas. O espaço é equipado com baias de diferentes tamanhos, feitas de aço inoxidável, além de armários contendo insumos ambulatoriais e equipamentos necessários para manejos dos pacientes internados. A sala de curativos destina-se à realização de procedimentos simples e ágeis em pacientes internados e em pós-cirúrgicos. Nesse ambiente, são realizadas trocas de curativos, exame físico dos pacientes de pós-cirúrgicos e coleta de amostras para exames complementares. O espaço conta ainda com armários para materiais e instrumentais necessários, mesa de aço inoxidável com tapete antiderrapante, cilindro de oxigênio e demais insumos necessários em casos de urgência.

Figura 4. UIPA e sala de curativos. A. UIPA para cães. B. UIPA para gatos. C. Sala de curativos.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O setor de diagnóstico por imagem do HVU é responsável pela realização de exames radiográficos e ultrassonográficos, contando com a atuação de professores, residentes e técnicos da área. Esses profissionais são responsáveis tanto pela execução dos exames quanto pela emissão dos respectivos laudos técnicos. A farmácia veterinária do hospital dispõe de todos os medicamentos e insumos ambulatoriais. É composta por farmacêuticos, que realizam a liberação de fármacos e os suprimentos ambulatoriais, mediante autorização. O setor de laboratório de análises clínicas veterinárias oferecem ampla gama de serviços, incluindo exames de efusões cavitárias, citologia, hemograma, testes bioquímicos e urinálise. O setor é constituído por professores, estagiários, técnicos. Além disso, o HVU dispõe de um banco de sangue veterinário, destinado à coleta de sangue de animais doadores e à realização de testes de compatibilidade.

O setor de CCPA (Figura 5 a Figura 7), conta com uma sala destinada especificamente à preparação dos pacientes para procedimentos cirúrgicos (Figura 5). O espaço dispõe de baias de diferentes tamanhos, e encontra-se devidamente equipado com insumos necessários, tais como álcool, clorexidina, compressas, luvas descartáveis e máquina de tricotomia. Nesse ambiente, realiza-se a anamnese pré-operatória, na qual o tutor é questionado quanto ao cumprimento do jejum do paciente, de possíveis alterações na urina ou nas fezes, bem como sobre eventuais dúvidas relacionadas ao procedimento cirúrgico. Posteriormente, procede-se à administração das mediações pré-anestésicas (MPA), previamente dispensadas pela farmácia, e à tricotomia dos pacientes antes de entrarem para o bloco cirúrgico.

Figura 5. Sala de preparo do paciente para procedimento cirúrgico.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O hospital conta com dois centros cirúrgicos, designados como bloco dois e o bloco cinco, tendo sido, majoritariamente, acompanhado atividades no bloco dois. Nesse bloco, são realizadas cirurgias gerais, como cirurgias abertas de tecidos moles e cirurgias ortopédicas, além de cirurgias oftálmicas. Já no bloco cinco, concentram-se cirurgias de maior complexidade e minimamente invasivas, executadas predominantemente por videocirurgia. A estrutura do bloco dois (Figura 6), compreende dois vestiários, três salas cirúrgicas organizadas de forma semelhante, um lavatório destinado à paramentação, uma sala de recuperação pós-anestésica, um depósito de materiais, uma sala de apoio e uma janela que permite acesso direto ao setor de esterilização.

Figura 6. Centro cirúrgico. A. Vestiário. B. Quadro de cirurgias.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Ao ingressar no bloco cirúrgico (Figura 7), é imprescindível que estagiários e médicos veterinários estejam devidamente trajados com o pijama cirúrgico oferecido pelo HVU-UFSM, além de touca, máscara e calçados profissionais fechados e higienizados. Os lavatórios

localizam-se entre a primeira e a segunda sala cirúrgica, sendo utilizados para a antisepsia das mãos com clorexidina degermante 4% e escova de clorexidina 2%. Na mesma sala, é realizada a paramentação cirúrgica e a colocação das luvas estéreis. As salas cirúrgicas são semelhantes entre si, com exceção da terceira sala cirúrgica, que dispõe de um microscópio cirúrgico. Todas, no entanto, são equipadas com mesa cirúrgica pantográfica, foco cirúrgico, mesa de Mayo, televisão e bancada contendo insumos necessários aos procedimentos. Cada sala conta, ainda, com armário contendo agulhas, seringas e medicamentos de uso emergencial, bem como equipamentos essenciais para anestesia inalatória, bomba de infusão, monitor multiparamétrico, termômetro esofágico e doppler vascular.

A sala de recuperação no pós-cirúrgico encontra-se localizada no mesmo bloco. É equipada com duas incubadoras neonatais, um berço, uma maca hospitalar e baias com cobertores e tapetes. Nesta, também se encontram materiais básicos de suporte, como seringas, agulhas, cateteres, gazes, esparadrapo e solução fisiológica.

Por fim, o depósito de materiais cirúrgicos abriga, de forma organizada e estéril, os kits cirúrgicos, os campos cirúrgicos, medicamentos destinados a anestesia e situações emergenciais, além de outros insumos necessários em casos de intervenções.

Figura 7. Centro cirúrgico. A. Lavatório. B. Segunda sala cirúrgica. C. Sala de recuperação no pós-cirúrgico. D. Sala de materiais.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

2.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular supervisionado foi realizado na área de CCPA do HVU-UFSM, majoritariamente no bloco 2, no período de 18 de agosto a 3 de outubro de 2025. A carga horária total foi de 280 horas, distribuídas ao longo de sete semanas, com jornada de oito horas diárias e quarenta horas semanais, incluindo uma hora destinada ao intervalo. O controle de frequência foi realizado por meio de sistema eletrônico de ponto, com registro diário de entrada e saída.

Durante o período, as atividades foram desenvolvidas sob a supervisão do professor Daniel Curvello de Mendonça Muller, com o apoio de mestrandos e residentes da CCPA. A rotina do setor era organizada semanalmente por meio de uma escala de procedimentos cirúrgicos, na qual eram definidos todos os atendimentos e cirurgias programadas. Paralelamente, a escala dos estagiários era elaborada mensalmente, determinando um dia da semana para o acompanhamento das consultas pré-cirúrgicas junto a médicos veterinários, residentes ou mestrandos das áreas de tecidos moles ou ortopedia.

Durante as consultas pré-cirúrgicas, os estagiários participavam ativamente das atividades clínicas e cirúrgicas. As consultas e retornos eram previamente agendados e realizados nos ambulatórios do HVU. Os estagiários podiam realizar a anamnese e o exame físico do paciente, incluindo a aferição dos parâmetros como frequência cardíaca e respiratória, tempo de preenchimento capilar, avaliação da coloração das mucosas, palpação dos linfonodos e verificação do pulso femoral. Por se tratar de um hospital escola, eram promovidos momentos de discussão de casos clínicos, conduzidos pelos residentes, com o objetivo de aprimorar o raciocínio diagnóstico, a conduta clínica e a abordagem terapêutica. Os estagiários também acompanhavam procedimentos como troca de curativos, limpeza de feridas e retirada dos pontos, além de prestar auxílio em atendimentos emergenciais e acompanharem exames de imagem de pacientes do setor.

No restante da semana, os estagiários atuavam no bloco cirúrgico, sendo responsáveis pelo recebimento e preparo dos pacientes. As atividades incluíam a organização das baias, a identificação dos animais e de seus pertences, a pesagem e o questionários pré-operatório, no qual eram registradas informações sobre o tempo de jejum, possíveis alterações nas fezes e urina e dúvidas dos responsáveis pelos animais quanto ao procedimento cirúrgico. Após a administração da MPA, cabia ao estagiário realizar a tricotomia da região da cirúrgica e encaminhavam para o centro cirúrgico. No ambiente cirúrgico, os estagiários contribuíam no posicionamento e antissepsia do paciente, além de atuarem, de forma revezada, como auxiliar ou instrumentador cirúrgico. Era preconizado o método anatômico para a lavagem das mãos e o método fechado para colocação das luvas estéreis.

2.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO HVU-UFSM

Com o intuito de facilitar a compreensão, a casuística foi sistematizada em tabelas, contemplando todos os casos acompanhados durante o período de estágio. Os procedimentos cirúrgicos foram distribuídos conforme o sistema orgânico acometido, abrangendo os sistemas tegumentar, musculoesqueléticos, digestório, geniturinário, cardiovascular, hemolinfopoiético e sensorial. Os atendimentos clínicos cirúrgicos foram categorizados em três grupos principais, tecidos moles, ortopédicos e odontológicos. Ressalta-se que podem ocorrer variações no número total de animais, uma vez que um mesmo paciente pode apresentar comorbidades concomitantes, demandando múltiplos atendimentos ou intervenções. Além disso, os casos englobam cirurgias realizadas nos blocos 2 e 5, o que explica a integração de procedimentos oriundos de ambos os setores.

Durante o estágio, foram registrados 113 atendimentos (Tabela 1), incluindo consultas, retornos e procedimentos cirúrgicos. Destes 21,2% referem-se a atendimentos clínicos e 78,8% correspondem a intervenções cirúrgicas. Observou-se predominância de cães, representando 87,6% dos casos. Quanto ao sexo, Fêmeas constituíram 57,5% da amostra analisada.

Tabela 1. Casuística dos pacientes atendidos no HVU de Santa Maria, divididos por espécie e sexo.

Espécie	Machos	Fêmeas	Total
Canino	43	56	99 (87,6%)
Felino	5	8	13 (11,5%)
Gavião-carijó	-	1	1 (1%)
Total	48	65	113 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Os pacientes foram distribuídos conforme a faixa etária, adotando-se referenciais específicos para cada espécie (Tabela 2). Para os cães, utilizou-se o critério descrito por Harvey (2021), que segmenta os animais em cinco fases de vida: Filhotes (0 a 6 meses), juvenis (6 meses a 2 anos), adultos (3 a 6 anos), idosos (7 a 11 anos) e geriátricos (acima de 12 anos). No caso dos felinos, seguiu-se a classificação proposta pela Boehringer Ingelheim (2022), na qual os gatos são categorizados como filhotes (0 a 6 meses), juvenis (7 meses a 2 anos), adultos (3 a 6 anos), idosos (7 a 10 anos) e geriátricos (acima de 11 anos). Conforme os dados, evidenciou-se que a maior proporção de atendimentos corresponde aos pacientes idosos, que representa 41,07% da casuística registrada. Em seguida, observa-se prevalência dos animais adultos, que totalizam 25,89% do número geral de cães e gatos atendidos no HVU-UFSM.

Tabela 2. Casuística dos pacientes caninos e felinos no HVU de Santa Maria, divididos e faixa etária.

Faixa etária	Canino	Felinos	Total
Filhotes	3	-	3 (2,68%)
Juvenil	7	3	10 (8,93%)
Adultos	24	5	29 (25,89%)
Idosos	41	5	46 (41,07%)
Geriátricos	24	-	24 (21,43%)
Total	99	13	112 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

2.3.1 CLÍNICA CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS

2.3.1.1 Sistema Orgânicos

Durante o período de estágio foram acompanhados 133 procedimentos cirúrgicos, realizados em 89 pacientes (Tabela 3). Para otimizar a análise dos dados, cada intervenção foi categorizada conforme o sistema orgânico afetado, distribuindo-se entre os sistemas: geniturinário, hemolinfopoiético, musculoesquelético, tegumentar, digestório, sensorial, respiratório, cardiovascular e endócrino. Os sistemas geniturinário, hemolinfopoiético e o musculoesquelético representam a maior frequência de procedimentos realizados ao longo do estágio. Ainda, observou-se que os cães foram a espécie mais representada nas diferentes categorias de sistemas acometidos, destacando-se como o grupo com maior número de procedimentos cirúrgicos.

Tabela 3. Distribuição dos procedimentos cirúrgicos segundo o sistema orgânico acometido e a espécie atendida.

Procedimentos	Canino	Felinos	Gavião-carijó	Total
Sistema geniturinário	24	5	-	29 (21,8%)
Sistema hemolinfopoiético	25	2	-	27 (20,3%)
Sistema musculoesquelético	21	-	1	22 (16,5%)
Sistema tegumentar	15	2	-	17 (12,8%)
Sistema digestório	11	5	-	16 (12,0%)
Sistema sensorial	12	3	-	15 (11,3%)
Sistema respiratório	5	-	-	5 (3,8%)
Sistema cardiovascular	1	-	-	1 (0,75%)
Sistema endócrino	1	-	-	1 (0,75%)
Total	115	17	1	133 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

2.3.1.2 Sistema geniturinário

O sistema geniturinário (Tabela 4), representou o principal grupo de procedimentos cirúrgicos realizados durante o estágio, totalizando 29 cirurgias. Entre esses, observou-se maior frequência de mastectomias unilaterais, correspondendo a 27,6% dos casos.

Tabela 4. Casuística dos procedimentos cirúrgicos do sistema geniturinário realizados durante o estágio, conforme a espécie.

Procedimento	Canino	Felinos	Total
Mastectomia Unilateral	7	1	8 (27,6%)
Mastectomia regional	4	-	4 (13,8%)
Ovariohisterectomia terapêutica	3	2	5 (17,2%)
Ovariohisterectomia eletiva	2	-	2 (6,90%)
Orquiectomia	3	-	3 (10,3%)
Ablação de bolsa escrotal	2	-	2 (6,90%)
Cistostomia	2	2	4 (13,8%)
Nefrotomia	1	-	1 (3,45%)
Total	24	5	29(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A alta prevalência neste sistema está diretamente relacionada à elevadas neoplasias mamárias, que representam alguns das neoplasmas mais frequentes diagnosticados em fêmeas caninas e felinas, com predomínio em nas primeiras. Estima-se que entre 25% e 50% das neoplasias que acometem esses animais seja de origem mamária com predominância de comportamento maligno (Ribas et al., 2012; Cassali, 2019). Essas alterações costumam manifestar-se como nódulos únicos ou múltiplos distribuídos ao longo da cadeia mamária, sendo uma das formas de diagnóstico a palpação. As glândulas das M4 e M5 são relatadas como as mais acometidas, representando cerca de 65% a 70% dos casos (Cassali, 2019). Durante o estágio, foram observadas neoplasias mamárias em M3, M4 e M5. Mantendo M5 como a glândula com maior frequência de acometimento.

A cirurgia oferece melhores resultados quando não há evidências de metástase linfonodal ou à distância, ou quando a neoplasia apresenta características histológicas menos agressivas. Em casos em que o paciente apresenta lesões ulceradas ou dolorosas, pode ser indicado pensando na qualidade de vida do paciente. Cassali et al. (2019), estabeleceram indicações cirúrgicas específicas, sendo a escolha da técnica dependente da espécie, do tamanho do neoplasma e do estadiamento clínico. A nodulectomia ou lumpectomia e mastectomia simples ou regional são reservadas para neoplasmas únicos, menores que 3 cm, localizados periféricamente, em M1 ou M5 e com fatores prognósticos favoráveis. Já a mastectomia unilateral, consiste na retirada de toda a cadeia mamaria de um dos lados do corpo junto aos linfonodos regionais superficiais ipsilateral, é indicado principalmente em animais com múltiplas lesões, massas localizadas em M3 ou em neoplasias maiores que 3cm. A mastectomia bilateral envolve as duas cadeias, quando necessário, em casos de múltiplas lesões que são encontradas em ambas as cadeias mamária, costuma ser realizada a retirada unilateral em dois tempos cirúrgicos, com intervalo de 4 a 6 semanas (Fossum, 2019; Cassali, 2019). No período de estágio, foram acompanhados oito casos de mastectomia unilateral, dois desses pacientes

retornaram posteriormente para a realização do procedimento contralateral após o intervalo recomendado.

2.3.1.3 Sistema hemolinfopoiético

Dentro da casuística acompanhada, o sistema hemolinfopoiético representou a segunda maior prevalência de procedimentos cirúrgicos (Tabela 5). A maioria dos procedimentos observados correspondeu às linfadenectomias inguinais e axilares, diretamente relacionadas às rotinas de mastectomias tratadas ao longo do estágio.

Tabela 5. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema hemolinfopoiético acompanhados no estágio curricular, separados por espécies.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Felinos	Total
Linfadenectomia inguinal	10	1	11 (40,7%)
Linfadenectomia axilar	8	1	9 (33,3%)
Linfadenectomia do poplíteo	3	-	3 (11,1%)
Linfadenectomia mandibular	1	-	1 (3,70%)
Linfadenectomia submandibular	1	-	1 (3,70%)
Esplenectomia total	2	-	2 (7,41%)
Total	25	2	27(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Segundo Cassali et al. (2019), a linfadenectomia é um passo obrigatório e fundamental, devendo ser realizada conjuntamente à mastectomia unilateral total. Os linfonodos regionais, como os axilares e inguinais, devem ser excisados mesmo que não estejam clinicamente alterados, devido à alta incidência de metástase regional. Para facilitar o estadiamento mais preciso, a técnica de identificação do linfonodo sentinela com azul patente é recomendada. O corante é aplicado na região perineoplásica ou subdermal, sendo então visualmente identificada a via linfática que drena o neoplasma. Na rotina observada, a técnica de identificação do linfonodo sentinelas com azul patente, principalmente os linfonodos auxiliares que não estão aumentados, foi amplamente utilizada, permitindo localizar e remover os linfonodos superficiais ipsilaterais (axilar e inguinal) e quaisquer outros marcados pelo corante, favorecendo estadiamento mais preciso.

2.3.1.4 Sistema musculoesquelético

O sistema musculo esquelético representou 16,5% dentre os sistemas orgânicos, os procedimentos cirúrgicos deram ao todo 22 procedimentos (Tabela 6), dentre esses os procedimentos mais acompanhados foi as herniorrafias perineais.

Tabela 6. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema musculoesquelético acompanhados no estágio curricular, separados por espécies.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Felinos	Gavião-carijó	Total
Herniorrafia perineal	5	-	-	5 (22,7%)
Herniorrafia diafragmática	1	-	-	1 (4,54%)
Herniorrafia de hiato esofágico	1	-	-	1 (4,54%)
Osteotomia de nivelamento do platô tibial (TPLO)	3	-	-	3 (13,6%)
Osteossíntese de tíbia	2	-	-	2 (9,09%)
Osteossíntese de rádio	1	-	-	1 (4,54%)
Osteossíntese de fêmur	1	-	-	1 (4,54%)
Osteossíntese de ulna	1	-	-	1 (4,54%)
Osteossíntese de úmero	1	-	-	1 (4,54%)
Amputação de 2 e 3 dígito membro pélvico	1	-	-	1 (4,54%)
Amputação de 3 e 4 dígito em membro pélvico	1	-	-	1 (4,54%)
Remoção de pinos intramedular ortopédico	-	-	1	1 (4,54%)
Trocleoplastia	1	-	-	1 (4,54%)
Gastropexia	1	-	-	1 (4,54%)
Artrodese de maléolo	1	-	-	1 (4,54%)
Total	21		1	22(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As hérnias perineais representam uma afecção, caracterizada pelo afastamento da musculatura perineal, culminando no deslocamento de vísceras, como o reto, estruturas pélvicas e/ou estruturas abdominais, através do tecido subcutâneo da região. Sua nomenclatura varia conforme a localização, podem ser classificadas em hérnia caudal, ciática, dorsal ou ventral. Clinicamente, observa-se distensão retal persistente e a disquesia. A etiologia do enfraquecimento do diafragma pélvico é pouco compreendida, mas é consistentemente associada a influência hormonal em machos, esforço excessivo e fraqueza ou atrofia muscular congênita ou adquirida. O diafragma pélvico é mais forte em cadelas do que em cães machos. (Fossum, 2019). O tratamento de eleição para hérnias perineais é a herniorrafia perineal. Situações de retroflexão da bexiga urinária ou aprisionamento visceral requerem cirurgia de emergência. Embora existam controvérsias, a orquiectomia é frequentemente recomendada concomitante à herniorrafia, devido à sua capacidade relatada de reduzir a taxa de recorrência. Diversas técnicas de reparo estão descritas na literatura, sendo as mais empregadas o uso de telas não absorvíveis (como polipropileno), a reposição anatômica tradicional e a técnica de transposição muscular (Silva, 2023; Fossum, 2019). O uso de telas cirúrgicas não absorvíveis,

é uma abordagem eficaz para o reforço permanente da área herniada. Este material promove reparo sem tensão e possui um reforço mecânico duradouro, permitindo a deposição de tecido fibrocolagenoso. Durante o período de estágio, foram observados cinco casos de hérnia perineal, sendo quatro macho e uma fêmea, nos quais o reparo cirúrgico empregou a tela de polipropileno em formato de cone. Em um dos casos do cão macho, a orquiectomia foi realizada em associação.

2.3.1.5 Sistema Tegumentar

O sistema tegumentar representou 12,8% dos sistemas orgânicos afetados. A Tabela 7 apresenta a casuística desse sistema e foi marcada pela alta prevalência de exérese nódulos e massas, além de biópsias excepcionais e incisionais. Observou-se uma clara predominância de procedimentos realizados em cães, sendo eles 15 cirurgias, em comparação com os felinos, que foram 2 cirurgias, totalizando 17 procedimentos cirúrgicos.

Tabela 7. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema tegumentar acompanhados durante o estágio curricular, separados por espécies.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Felinos	Total
Mastocitoma	8	-	8 (47,1%)
Melanoma	1	-	1 (5,88%)
Epitelioma	1	1	2 (11,8%)
Lipoma	2	-	2 (11,8%)
Sarcoma	-	1	1 (5,88%)
Adenoma	1	-	1 (5,88%)
Drenagem de abscesso	1	-	1 (5,88%)
Hemangiossarcoma	1	-	1 (5,88%)
Total	15	2	17(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Conforme evidenciado na Tabela 7, o mastocitoma se estabeleceu como a neoplasia de maior prevalência entre os casos acompanhados, representando 8 casos (47,1%) e correspondendo exclusivamente a caninos. É imprescindível destacar que o diagnóstico de prevalência englobou tanto os resultados obtidos pelo exame histopatológico quanto pela citologia aspirativa por agulha fina (CAAF). A utilização da CAAF para a classificação final foi adotada nos casos em que os responsáveis pelo animal optaram por não realizar o exame histopatológico.

O mastocitoma cutâneo (MCT) é o neoplasma de pele maligno mais comum em cães, resultante da proliferação neoplásica de mastócitos. Embora seja o tumor cutâneo mais frequente em cães, ocupa o segundo lugar em gatos. Raças como Boxer, Labrador, Golden Retriever, Boston Terrier, Pug, Sharpei, Pastor Alemão e Collie demonstram predisposição

genética. (London & Thamm, 2019; Villamil, 2011). Historicamente, o sistema de classificação de Patnaik *et al.* (1984), utiliza três graus (Grau I, II e III) para o padrão de avaliação prognóstica do MCT, com base em características histomorfológicas, como extensão do envolvimento, celularidade, morfologia celular, índice mitótico e reação estromal. No entanto, o principal desafio desse sistema estava no Grau II, que reunia a maior parte dos casos e apresentava comportamento biológico extremamente variável. Essa heterogeneidade dificultava a previsão prognóstica e a definição da melhor abordagem terapêutica, seja apenas cirúrgica ou com necessidade de terapias adjuvantes mais agressivas. Além disso, a forte dependência de critérios morfológicos subjetivos resultava em baixa concordância entre patologistas (inferior a 64% para os Graus I e II) reduzindo a confiabilidade do método. Diante dessas limitações, Kiupel *et al.* (2011) introduziram um novo sistema de classificação, composto por apenas dois graus (Baixo e Alto). Baseado em critérios mensuráveis, como índice mitótico e presença de células multinucleadas, esse sistema demonstrou maior clareza prognóstica e excelente reprodutibilidade, tornando-se o atual padrão ouro para classificação e manejo clínico do MCT canino.

A investigação inicial do MCT é rotineiramente diagnóstica pela CAAF (London & Thamm, 2019). Além disso, o estadiamento clínico segue as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS), considerando a localização do neoplasma primário e a eventual presença de metástase à distância (London & Thamm, 2019). O tratamento é, portanto, determinado pela classificação histopatológica, características clínicas, localização da massa, presença de metástases e tempo de evolução (Blackwood, 2012).

A cirurgia é a primeira opção terapêutica e é considerada um tratamento seguro e curativo, especialmente para os casos de mastocitoma bem diferenciado (London & Thamm, 2019). Para as classificações de MCT com prognóstico desfavorável ou quando há margens cirúrgicas incompletas, terapias adjuvantes são recomendadas além do procedimento cirúrgico, como os quimioterápicos e a radioterapia (Blackwood, 2012; London & Thamm, 2019; Melo, 2013). No contexto dos casos acompanhados durante o estágio, o protocolo cirúrgico adotado para a excisão dos mastocitoma envolvia a remoção do nódulo ou massa com a margem de 3 cm, para aumentar a probabilidade de excisão completa da neoplasia e diminuir o risco de recorrência no local.

2.3.1.6 Sistema digestório

A Tabela 8 apresenta a casuística de cirurgias do sistema digestório no período de estágio, tendo totalizado 16 procedimentos, com distribuição majoritária em cães, 11 casos, e em felinos, 5 casos. A maior prevalência, concentrou-se no tratamento da doença periodontal (DP), exigindo anestesia geral para a limpeza dentária. Este procedimento inclui a remoção de placa e cálculo com o ultrassom dentário e, em casos de destruição tecidual significativa, a realização de extração dentária. A abordagem cirúrgica da DP em casos avançado demanda, frequentemente, o uso de antibioticoterapia sistêmico visa auxiliar no controle da inflamação e a mitigar o risco de bacteremias transitórias associadas pelo procedimento cirúrgico.

Tabela 8. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema digestório realizados durante o estágio, separados por espécies.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Felinos	Total
Doença periodontal	4	-	4 (25%)
Esofagostomia	1	1	2 (18,8%)
Biópsia incisional	1	1	2 (12,5%)
Correção de fenda palatina (von langenbeck)	-	2	2 (12,5%)
Colopexia	-	1	1 (6,25%)
Colonoscopia	1	-	1 (6,25%)
Colecistectomia	1	-	1 (6,25%)
Enterotomia	1	-	1 (6,25%)
Gastrotomia	1	-	1 (6,25%)
Shunt cava-hepático	1	-	1 (6,25%)
Total	11	5	16(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A DP possui uma etiologia multifatorial, sendo influenciada por diversos fatores, incluindo idade, espécie, raça, genética, hábitos de higiene e dieta, oclusão ortodôntica, estado de saúde geral, cuidados domiciliares e a flora bacteriana oral. A progressão da DP pode levar a consequências locais graves, como potencial inflamação e infecção da polpa, e implicações sistêmicas (Lemmons, 2025). O *American Veterinary Dental College* (AVDC) utiliza um sistema de classificação radiográfica para a DP, que é realizado após a obtenção das radiografias e avalia o grau de severidade individual em cada dente.

A decisão de administrar antibióticos é prerrogativa do médico veterinário, após a avaliação do paciente. Em geral, não são necessários para pacientes saudáveis com DP. A indicação se restringe a pacientes potencialmente imunocomprometidos ou com evidência de doença periodontal estendida para fora dos tecidos periodontais, como em casos de trajetos fistulosos, aumento de linfonodos ou sinais de celulite (Lemmons, 2025). Contudo, na casuística acompanhada durante o estágio, a totalidade dos quadros de DP encontravam-se no

estágio 4 (periodontite avançada). Este grau avançado de comprometimento tecidual e inflamatório justificou a necessidade da antibioticoterapia como protocolo de suporte.

2.3.1.7 Sistema sensorial

A análise de casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema sensorial realizados durante o estágio curricular totalizou 15 cirurgias (Tabela 9). Dentre os procedimentos, a enucleação demonstrou ser a cirurgia de maior prevalência, compreendendo 20% do total da casuística desse sistema.

A enucleação subconjuntival foi realizado em dois caninos e um felino. As principais indicações etiológicas que culminaram ao procedimento, nos casos observados, foram de natureza traumática e degenerativa. Foi registrado um caso de protusão do globo ocular decorrente a mordida, outro caso por trauma ocular perfurante grave que resultou em ruptura e perda do conteúdo ocular, além de um caso de glaucoma em estágio final.

Tabela 9. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema sensorial acompanhados durante o período de estágio curricular, separados por espécies.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Felinos	Total
Enucleação	2	1	3 (20,0%)
Enxerto conjuntival pediculado	2	-	2 (13,3%)
Blefaroplastia em V	1	-	1 (6,66%)
Tarsorrafia	-	1	1 (6,66%)
Hotz Celsus	-	1	1 (6,66%)
Exérese da glândula da terceira pálpebra	1	-	1 (6,66%)
Sepultamento da terceira pálpebra	1	-	1 (6,66%)
Biópsia de terceira pálpebra	1	-	1 (6,66%)
Ceratectomia superficial	1	-	1 (6,66%)
Eletropilação bilateral	1	-	1 (6,66%)
Osteotomia de bula timpânica	1	-	1 (6,66%)
Otoscopia	1	-	1 (6,66%)
Total	12	3	15 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A enucleação é definida como a remoção cirúrgica do globo ocular. Este procedimento é considerado a última opção terapêutica em oftalmologia veterinária, sendo indicado em situações de neoplasia intraocular primária, quando há sinais oculares dolorosos secundários, como glaucoma ou uveíte, em casos de trauma ocular perfurante grave com ruptura e perda do conteúdo ocular, quando há endoftalmite ou panofthalmite incontrolável, em casos de dor ocular intratável, por exemplo, glaucoma crônico e em quando o responsável é incapaz ou não deseja fornecer tratamento de longo prazo para um olho cego a fim de mantê-lo confortável (Maggs, 2018). O procedimento ideal de enucleação envolve a remoção do globo ocular e a remoção

dos tecidos produtores de lágrima associados, como glândulas lacrimais, a glândula da terceira pálpebra, fórnice conjuntival e margens palpebrais com glândulas.

Os dois procedimentos básicos de enucleação são a abordagem subconjuntival lateral e a enucleação-exenteração transpalpebral, sendo que ambas possuem variações de técnicas. A principal vantagem da abordagem subconjuntival lateral, reside em proporcionar uma melhor exposição e acesso ao nervo óptico e aos vasos orbitais antes da sua secção. Em contraste, a técnica de enucleação-exenteração transpalpebral difere por acessar a órbita através da pele da pálpebra. Essa técnica garante a remoção completa dos tecidos anexos e é preferível em casos de neoplasia (Fossum, 2019; Maggs, 2017).

2.3.1.8 Sistema respiratório

A casuística de procedimentos cirúrgico do sistema respiratório acompanhada durante o período do estágio curricular totalizou cinco intervenções (Tabela 10). Todos os procedimentos foram realizados em caninos. O procedimento de traqueostomia temporária representou a maior frequência, sendo realizados em dois cães que foram atendidos em caráter emergencial. Nestes casos, o alívio temporário da obstrução das vias aéreas foi crucial, sendo as etiologias identificadas como paralisia de laringe e palato mole alongado.

Tabela 10. Casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema respiratório acompanhados durante o estágio curricular, da espécie canina.

Procedimento cirúrgicos	Canino	Total
Traqueostomia temporária	2	2
Exérese de neoformação em lobo caudal	1	1
Lavado bronquial	1	1
Toracostomia	1	1
Total	5	5(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A principal indicação para traqueostomia temporária com tubo é o alívio emergencial de obstrução das vias aéreas superiores devido a afecções localizadas nas regiões oral, nasal, faríngea ou laríngea (Tobias, 2017). Embora a estabilização e o tratamento definitivo exijam o manejo da condição etiológica subjacente, a intubação rápida para contornar a obstrução e a colocação do tubo de traqueostomia são, em muitos casos, essenciais para a sobrevivência do paciente. As causas mais comuns de obstrução das vias aéreas são a síndrome respiratória dos braquicefálicos, inflamação, neuropatias (paralisia laríngea), abscesso, hematoma, corpos estranhos, trauma e neoplasia (Mazzaferro, 2013).

2.3.1.9 Sistema cardiovascular

A casuística de procedimentos cirúrgicos do sistema cardiovascular durante o período de estágio curricular concentrou-se em um único caso, de cardiopatia congênita, a persistência do ducto arterioso (PDA). Acompanhado em um canino da raça Spitz Alemão, com um ano de idade. O tratamento instituído e realizado foi a oclusão cirúrgica do PDA. Sendo uma afecção muito comum em cães desta raça. O ducto arterioso é um vaso fetal que conecta a artéria pulmonar principal à aorta descendente. Sua função durante o desenvolvimento fetal é desviar o fluxo sanguíneo dos pulmões fetais que estão colapsados. Na transição da vida fetal para a extrauterina, esses vasos devem se fechar funcionalmente nas primeiras horas após o nascimento, seguindo por um fechamento anatômico. A correção cirúrgica do PDA é considerada curativa e deve ser realizada o mais brevemente possível após o diagnóstico. O procedimento mais comum e eficaz é a ligadura circunferencial do ducto arterioso, realizada por meio da ligadura circunferencial do ducto arterioso (Fossum, 2019). No caso apresentado, foi realizada a ligadura do ducto por meio da abordagem padrão, garantindo a oclusão permanente do vaso e a correção hemodinâmica da cardiopatia.

2.3.1.10 Sistema endócrino

Durante o estágio curricular, foi acompanhado um caso de adrenalectomia realizada por técnica minimamente invasivas em um canino da raça Poodle, diagnosticado com feocromocitoma em uma das glândulas adrenais. A adrenalectomia, que consiste na remoção cirúrgica das glândulas, é o único tratamento definitivo para o feocromocitoma. Esta neoplasia, origina das células cromafins da medula adrenal, é relativamente comum em cães, sendo os mais comuns os adenomas e adenocarcinomas corticais (Oblak *et al*, 2016; Pitt *et al*, 2016). O aspecto clínico mais preocupante dos feocromocitoma funcional é a secreção excessiva de catecolaminas, que pode levar a achados críticos como hipertensão arterial sistêmica e arritmias cardíacas durante o exame físico. O prognóstico pós cirúrgicos depende fundamentalmente de fatores como tamanho do tumor, a ocorrência de metástase e a extensão da invasão local (Lunn; Boston, 2020).

2.4 CONSULTAS CLÍNICO CIRÚRGICAS DE PEQUENOS ANIMAIS

A casuística de consultas clínico-cirúrgicas de pequenos animais acompanhada durante o estágio totalizou 24 atendimentos (Tabela 11). As consultas foram majoritariamente

conduzidas por mestrandos e residentes, e a distribuição da demanda foi segmentada nas especialidades de tecidos moles, ortopedia e odontologia.

Tabela 11. Distribuição das consultas clínicas cirúrgicas de acordo com a Especialidade.

Especialidades	Canino	Felinos	Total
Tecidos moles	8	-	8 (33,3%)
Ortopédicos	13	1	14 (58,3%)
Odontológicos	2	-	2 (8,33%)
Total	23	1	24 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O foco dos atendimentos incluiu a triagem pré-cirúrgica, que envolveu a realização de anamnese detalhada, exame físico, registro de diagnósticos presuntivos e diferenciais, definição da terapia prescrita e a solicitação de exames complementares quando necessário. Além disso, foram acompanhados os retornos pós-cirúrgicos de pacientes operados.

2.4.1 Tecidos moles

A especialidade de tecidos moles, totalizou 8 consultas, sendo a principal demanda observada, foi a avaliação de neoplasias cutâneas mamárias, conforme demonstrado na Tabela 12.

Tabela 12. Casuística de afecções de Tecidos Moles.

Afecções de tecidos moles	Canino	Felinos	Total
Nódulo mamário	4	-	4 (50,0%)
Nódulo cutâneo	2	-	2 (25,0%)
Ferida por 2ª intenção	1	-	1 (12,5%)
Reação ao fio de sutura	1	-	1 (12,5%)
Total	8		8 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A afecção mais prevalente na especialidade de tecidos moles foram os nódulos mamários, que representaram 50,0% dos casos. As neoplasias mamárias são uma condição oncológica mais frequentes na clínica de pequenos animais, constituindo um desafio significativo na medicina veterinária devido ao seu potencial de malignidade e complexidade no manejo terapêutico. A avaliação clínica detalhada dos pacientes com massas de mama é de importância fundamental, pois é a base para o estadiamento da doença. Esse processo não apenas determina a fase de evolução do quadro, mas também fornece um melhor entendimento sobre o comportamento biológico da neoplasia, oferecendo informações cruciais com significados diagnósticos, prognóstico e terapêutico (Toríbio, 2012). No protocolo diagnóstico,

a CAFF permite uma análise preliminar ao exame histopatológico. Contudo, é crucial entender que a citologia aspirativa por agulha fina não substitui o exame histopatológico (Cassali, 2019).

2.4.2 Afecções ortopédicas

A especialidade de ortopedia apresentou a maior demanda de consultas, totalizando 14 atendimentos. A principal afecção observada, conforme apresenta a Tabela 12, foi a ruptura de ligamento cruzado, sendo 42,9% dos casos.

Tabela 13. Casuística de afecções de ortopédicos.

Afecção ortopédicas	Canino	Felinos	Total
Ruptura de ligamento cruzado	6	-	6 (42,9%)
Luxação de Patela grau 2	2	-	2 (14,3%)
Fratura Cominutiva de rádio e ulna	1	-	1 (7,14%)
Fratura de Tíbia	-	1	1 (7,14%)
Artrite de carpo	1	-	1 (7,14%)
Poliartrite	1	-	1 (7,14%)
Displasia de cotovelo	1	-	1 (7,14%)
Necrose asséptica da cabeça do fêmur	1	-	1 (7,14%)
Total	13	1	14(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A ruptura do ligamento cruzado caudal ou cranial é uma das causas mais prevalentes de claudicação dos membros pélvicos em cães. O ligamento cruzado cranial é o principal ligamento acometido, uma vez que sua função primária é a estabilização articular, impedindo o deslocamento cranial da tíbia em relação ao fêmur e limitando a rotação interna consequentemente a hiperextensão do joelho. Embora rara, a lesão do ligamento cruzado caudal está frequentemente associada à ruptura do ligamento cruzado cranial. A lesão pode ser completa, ou parcial. O diagnóstico se baseia no histórico, no exame físico ortopédico, de acordo com a instabilidade articular e no exame de imagens (Iamaguti *et al*, 1998).

2.4.3 Afecções odontológicas

Na área de odontologia a doença periodontal destacou-se como uma das condições mais presente na rotina clínica, sendo acompanhado 2 casos de doença periodontal. É reconhecida como a afecção oral mais comum em cães e gatos. Estudos indicam prevalência de 80-85% nesses animais, com início comum a partir de dois ou três anos de idade (Carvalho *et al.*, 2019). Apesar de amplamente prevenível com escovação regular, ela permanece entre os problemas

de saúde mais recorrentes na rotina clínica (Enlund, 2020). Essa afecção caracteriza-se por um processo inflamatório que acomete as estruturas de suporte dos dentes, desencadeando pelo acúmulo de biofilme dentário presente na superfície dental e sulco gengival. Clinicamente, os casos graves costumam ser identificados por halitose acentuada, salivação espessa, sangramento oral, mobilidade dental, cálculo e gengivite (Gioso, 2003). Quando a escovação dentária cotidiana não é o suficiente, a profilaxia dentária e o tratamento periodontal constituem as principais intervenções terapêuticas (Maciel, 2022).

3 HOSPITAL VETERINÁRIO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O Hospital Veterinário (HV) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), localizado no campus Curitiba, no Estado do Paraná, foi fundado em 1950 e mantém, desde então, funcionamento ininterrupto. Situa-se no campus Agrárias, na rua dos Funcionários, nº1540, bairro Cabral, Curitiba (**Figura 8**), o HV integra a estrutura universitária e desempenha um papel essencial nas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Figura 8. HV-UFPR. **A.** Localização. **B.** Fachada.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O hospital funciona em horário comercial, das 7:30h até as 19:30. Nos demais períodos, o atendimento é realizado por meio de plantões noturnos e de fins de semana,

enquanto a Unidade de Terapia Intensiva (UTI) permanece em funcionamento contínuo, 24 horas por dia. A instituição oferece à comunidade uma ampla variedade de serviços veterinário, abrangendo especialidades como clínica médica geral, oftalmologia, oncologia, cardiologia, odontologia, clínica cirúrgica, anestesiologia, clínica e cirurgia de silvestres, diagnóstico por imagem, medicina do coletivo e patologia clínica.

Durante o horário regular, os atendimentos são realizados mediante agendamento para animais de pequeno porte. Em casos de urgência ou emergência, os pacientes são encaminhados ao Pronto Atendimento (PA), onde passam por avaliação realizada por residentes da clínica médica e podem ser encaminhados a outras especialidades, conforme a necessidade. O HV constitui, ainda, uma importante base de apoio às disciplinas profissionalizantes da graduação e pós-graduação da UFPR, atuando como centro de formação, aperfeiçoamento e desenvolvimento científico para docentes, mestrandos, residentes e estagiário.

3.1 INSTALAÇÕES E FLUXO INTERNO

A infraestrutura HV-UFPR inicia-se na área de recepção (Figura 9), onde os responsáveis pelo animal aguardam o atendimento. O espaço é amplo e conta com balança para passagem dos animais, televisão, bebedouro e três balcões destinados ao processo de recepção. As consultas são agendadas previamente por telefone ou *WhatsApp*[®], ocasião em que são registradas no sistema Vetus informações como queixa principal, nome do paciente e do responsável, idade, sexo e telefone para contato. No momento da chegada, realiza-se o *check-in*, completando dados necessários, como peso atualizado. Após esse registro, os recepcionistas anunciam a chegada do paciente por meio do sistema de autofalante, notificando os residentes. Em seguida, o responsável pelo paciente é chamado pelo médico veterinário residente para o ambulatório correspondente à queixa apresentada. Em relação a pontualidade, admite-se tolerância de até 15 minutos.

Figura 9. Recepção do HV.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O HV-UFPR dispõe de seis ambulatórios, sendo três destinados ao atendimento geral da clínica médica e ao PA, um exclusivo para o setor de oftalmologia veterinária e os demais voltados aos serviços de odontologia, clínica cirúrgica e clínica de animais silvestres. Além dos ambulatórios, o hospital conta com ampla infraestrutura de apoio (Figura 10), incluindo laboratório de patologia veterinária, laboratório de análises clínicas, sala de procedimentos, bloco cirúrgico, farmácia, internação de felinos, internação de caninos, internação cirúrgica para cães, setor de isolamento, UTI, sala dos residentes, setor de diagnóstico por imagem, setor de cardiologia, setor de animais silvestres, setor de odontologia e o setor de oftalmologia veterinária.

Figura 10. HVUFPR. A. Farmácia. B. Sala de procedimentos. C. Setor de imagem. D. Consultório de clínica geral.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

As unidades ambulatoriais estavam plenamente equipadas para o atendimento clínico. Cada consultório dispunha de um computador com acesso ao sistema Vetus, onde tem o prontuário eletrônico. A infraestrutura física incluía uma mesa de superfície de aço inoxidável para procedimentos e exame físico, e uma pia, torneira e dispensador de papel toalha para higienização. Além disso, cada ambiente contava com um armário de insumos padronizado, contendo materiais essenciais para contenção e procedimentos de rotina, tais como: focinheira, compressas de gaze e algodão, agulhas e seringas, solução fisiológica estéril, desinfetantes (álcool 10% e antissépticos), e materiais como esparadrapo.

3.2 SETOR DE OFTALMOLOGIA VETERINÁRIA

O setor de oftalmologia veterinária do HV-UFPR (Figura 11), configura-se como uma unidade especializada, responsável pela assistência clínica e cirúrgica em oftalmologia veterinária para uma ampla variedade de espécies, englobando animais de pequeno porte, silvestres e grandes animais. Pacientes encaminhados da clínica médica geral e da clínica de silvestres são integrados à rotina por meio de encaixe. A equipe é liderada pelo Prof. Dr Fabiano Montiani Ferreira, e é complementada por um corpo de residentes em Medicina Veterinária, além de um estagiário curricular por mês, estagiários extracurriculares e de iniciação científica.

Os residentes integram o sistema de plantão (12h a 24h) em escala de rodízio com profissionais das outras áreas de residência, sendo responsáveis diretos pela monitorização dos pacientes internados no canil e gatil, com suporte de um auxiliar veterinário.

A rotina semanal é organizada para otimizar o fluxo de trabalho: segundas, quartas e sextas-feiras são prioritariamente dedicadas a procedimentos cirúrgicos oftálmicos, enquanto terças e quintas são reservadas para as consultas ambulatoriais. Em cenários de baixa demanda cirúrgica, o tempo é realocado para consultas ou reavaliações de pacientes. O setor dispõe de uma sala de apoio exclusiva que serve como centro de discussões clínicas e base operacional para os residentes.

Figura 11. Sala dos residentes da oftalmologia Veterinária.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A gestão do atendimento ambulatorial segue um protocolo padronizado, as consultas iniciais são distribuídas por rodízio entre os veterinários residentes e requer agendamento prévio via setor de recepção. O acesso a essas consultas é determinado pela queixa principal do paciente ou por encaminhamento de outros clínicos veterinários. Em contraste, o retorno a marcação de exames específicos é coordenado diretamente pelos residentes ou estudantes de mestrado vinculados ao setor. O ambiente físico dos ambulatórios de oftalmologia (**Figura 12**), é projetado para garantir a acurácia dos exames, sendo mantido com baixa luminosidade controlada. A infraestrutura básica já descrita é complementada por um conjunto de equipamentos e insumos especializados para o diagnóstico oftálmico.

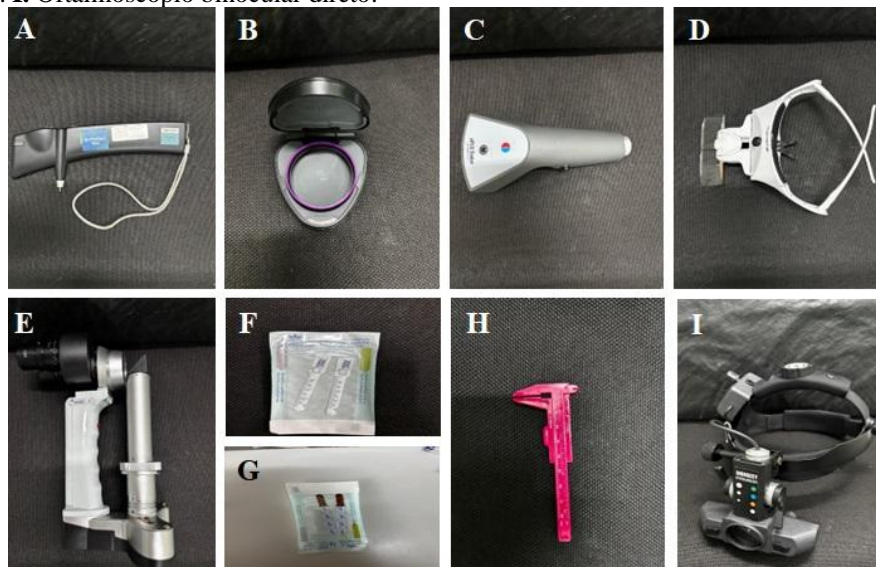
Figura 12. Ambulatório da Oftalmologia Veterinária.

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Em casos em que há necessidade de maiores investigações, o setor faz o uso de ultrassom ocular junto ao setor de imagem. A ultrassonografia é uma técnica muito útil em olhos nos quais a opacidade da câmara anterior impede a avaliação clínica direta de todas as estruturas localizadas posteriormente. Em casos de suspeita do funcionamento da retina, pode ser feito a eletrorretinografia (ERG). A ERG é o estudo dos potenciais elétricos produzidos pela retina quando a luz a atinge, é particularmente útil para diferenciar causas de comprometimento visual de origem retiniana das de origem no nervo óptico ou central neurológica. Técnicas de ERG mais discriminatórias também permitem a quantificar a disfunção retiniana e podem ser usadas para definir melhor, dentro da retina, quais células estão disfuncionais. E em casos, onde se busca obter imagens elucidadas bem do fundo de olho, faz-se uso do sistema *Clear View*[®]. A

Figura 13 apresenta os materiais utilizados durante o exame oftálmico.

Figura 13. Materiais do exame oftálmico. **A.** Tonômetro. **B.** Lente de 20 dioptrias. **C.** Fotocromático. **D.** Lupa de cabeça com lanterna. **E.** Lâmpada de fenda portátil. **F.** Fita para teste de Schirmer. **G.** Teste em fita de fluoresceína. **H.** Paquímetro. **I.** Oftalmoscópio binocular direto.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Para a realização de intervenções cirúrgicas no setor de oftalmologia, é realizado um protocolo de triagem e avaliação pré-operatória do paciente. Essa triagem clínica envolve a coleta de dados hematológicos e perfil bioquímico sérico. Adicionalmente, é indicado a realização do exame de ecocardiograma. Em situações que demandem uma investigação sistêmica mais aprofundada, o paciente é encaminhado a um clínico geral para a solicitação de exames complementares adicionais.

O paciente é submetido, ainda, a uma avaliação pré-anestésica, na qual são abordados pontos críticos para o planejamento e a segurança do protocolo anestésico. A totalidade desses procedimentos essenciais, incluindo a coleta de amostras sanguíneas e a marcação da cirurgia, é de responsabilidade dos médicos veterinários residentes do setor. Os procedimentos cirúrgicos executados abrangem um espectro que varia de baixa a alta complexidade, incluindo intervenções que exigem o uso de técnicas de microcirurgia oftálmica. O manejo de insumos cirúrgicos para a oftalmologia era armazenado na caixa do setor com materiais como fios da sutura, colírio de fluoresceína e outros medicamentos essenciais para a cirurgia. Já os campos cirúrgicos, aventais estéreis e as lâminas de bisturi são dispensados e controlados diretamente pela farmácia do HV-UFRP. A **Figura 14** apresenta a caixa com os insumos mais utilizados e o centro cirúrgico, incluindo a entrada, lavatório, armário com armazenamento dos itens cirúrgicos e o centro cirúrgico.

Figura 14. Materiais mais utilizados para as cirurgias oftálmicas.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O acesso ao bloco cirúrgico é precedido por uma área de transição que garante o cumprimento dos protocolos de segurança. Esta área é equipada com dois vestiários para a paramentação da equipe, e conta com uma sala específica destinada à administração da MPA e à preparação pré-cirúrgica do paciente. No corredor de entrada, contém armários com os insumos essenciais de paramentação estéril, como propés, toucas e máscaras faciais.

O centro cirúrgico (Figura 15), é composto por três salas de cirúrgicas, além de uma área central que inclui um lavatório das mãos e armários. Nesses armários, os instrumentais são organizados em kits e caixas especificamente para o setor de oftalmologia, o instrumental é segregado em duas caixas para procedimentos na região palpebral, uma caixa para enucleação e três caixas contendo kits necessário para microcirurgia. O microscópio cirúrgico de alta precisão é mantido na sala do setor de oftalmologia veterinária, sendo transportado para o bloco cirúrgico apenas para a realização dos procedimentos em que requer uso.

Figura 15. Centro cirúrgico oftálmico.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O estágio curricular no setor de oftalmologia do HV-UFPR ocorreu de 06 de outubro a 14 de novembro de 2025, totalizando 240 horas, sendo quarenta horas semanais, de segunda a sexta, das 08 h às 18 h, com uma hora de almoço. Nos dias de clínica, os retornos iniciavam às 07:45 h, com anamnese e reavaliação oftálmica. Nas consultas agendadas, a queixa principal era verificada no sistema Vetus, e a anamnese, de responsabilidade dos estagiários, questionava sobre a queixa principal, o tempo de ocorrência, sinais como prurido e blefaroespasma, eventual perda de visão, histórico geral e progressos do paciente. Posteriormente, o estagiário discutia o caso com o residente para definir exames e suspeitas diagnósticas.

No exame oftalmológico os estagiários acompanhavam, auxiliavam na contenção física do animal e observavam os testes com o residente. Em casos de necessidade de coleta de sangue, o paciente era levado à sala de coleta ou agendado em jejum, sendo os estagiários responsáveis por auxiliar na contenção e sob supervisão, realizar o exame. Após a consulta, o caso era discutido e o tratamento, medicamentoso ou cirúrgico, era definido. Foi acompanhado um total de 95 consultas e cirurgias. Foi acompanhado casos de ERG, realizada exclusivamente pelo professor responsável, um caso de *Clear View* e foram feitos 9 ultrassons oculares,

realizados logo após a clínica para investigação de suspeitas. Em casos cirúrgicos, o paciente passa por exames pré-cirúrgicos recomendados, como hemograma, bioquímico, consulta pré-anestésica e outros exames necessários.

A cirurgia era agendada na parte da manhã ou tarde, nas segundas, quartas e sextas. Estagiários e residentes recebiam e identificavam o paciente na sala de MPA do bloco cirúrgico. Os materiais eram retirados na farmácia, a caixa da oftalmologia, campos cirúrgicos, plásticos e aventais. Dentro do bloco cirúrgico, os estagiários realizavam a antissepsia do paciente com iodo aquoso diluído em soro fisiológico, variando conforme a cirurgia, e auxiliavam o residente cirurgião. No pós-cirúrgico, as prescrições medicamentosas para pacientes cirúrgicos, eram prescritas pelos estagiários. Para pacientes do setor de silvestres e internação, as consultas eram feitas por encaixe no consultório de oftalmologia.

No setor de oftalmologia, os estagiários tinham a oportunidade de realizar treinamentos práticos com o kit de microcirurgia, utilizando o microscópio cirúrgico e globos oculares de suínos, com fio e bisturi crescente.

3.3 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO DA UFPR

Os atendimentos clínicos e os procedimentos cirúrgicos acompanhados durante o período de estágio foram sistematizados conforme a natureza das afecções observadas. Para melhor organização e clareza, elaborou-se uma tabela específica destinada aos atendimentos clínicos e o registro das intervenções cirúrgicas efetuadas no decorrer da vivência prática. As afecções oftálmicas foram classificadas abrangendo alterações de globo ocular como um todo e de suas estruturas (córnea, úvea, íris, retina e lente) e anexos (pálpebras e sistema lacrimal). No tocante aos procedimentos cirúrgicos, estes foram reunidos em um único agrupamento, contemplando intervenções ao sistema sensorial ocular. Convém salientar que a casuística pode apresentar variações entre o número de atendimentos realizados e a quantidade de animais submetidos aos procedimentos cirúrgicos, pois um mesmo paciente pode apresentar comorbidade concomitantes ou necessitar de múltiplas consultas ao longo do período analisado. Ademais, os retornos destinados exclusivamente à remoção de pontos não foram incluídos nas tabelas, ainda que todos tenham transcorrido sem quaisquer intercorrências.

Ao longo da vivência prática, foram atendidos 77 animais em consultas e retornos (81,0%), enquanto os procedimentos cirúrgicos foram a 18 pacientes (18,9%), totalizando 95 pacientes (Tabela 14). Observou-se predominância da espécie canina, responsável por 84,2% da casuística. No que se refere ao sexo, houve maior ocorrência de fêmeas (55,8%) entre os animais atendidos.

Tabela 14. Casuística dos pacientes atendidos no HV da UFPR, distribuídos por espécie e por sexo.

Espécie	Machos	Fêmeas	Total
Canino	36	44	80 (84,2%)
Felino	6	7	13 (13,7%)
Coelho	-	2	2 (2,1%)
Total	42	53	95 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Tomando-se como referência a mesma classificação etária aplicada na Tabela 2 do HVU-UFSM, a Tabela 15 contemplou a análise exclusivamente de cães e gatos, visto que dos animais silvestres atendidos não foi possível determinar com precisão sua idade.

Tabela 15. Casuística da faixa etária dos pacientes caninos e felinos atendidos no HV da UFPR.

Faixa etária	Canino	Felinos	Total
Filhotes	3	-	3 (3,2%)
Adolescente/juvenil	4	5	9 (9,7%)
Adultos	17	2	19 (20,4%)
Idosos	38	4	42 (45,2%)
Geriátricos	18	2	20 (21,5%)
Total	80	13	93 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.3.1 CLÍNICA OFTALMOLÓGICA VETERINÁRIA

Durante o estágio, foram acompanhados 112 procedimentos clínicos (Tabela 16), relacionados à oftalmologia. A maior prevalência observada correspondeu às afecções de pálpebras, córnea, lente e sistema lacrimal sendo os acometimentos frequentemente descritos com elevada incidência na rotina oftalmológica veterinária, especialmente na espécie canina, que também é predominante na casuística analisada.

Tabela 16. Afecções divididas em sistema oftálmico conforme a espécie.

Afecções por localização	Canino	Felinos	Coelho	Total
Afecção em pálpebra	24	1	-	25 (22,3%)
Afecção em córnea	17	2	-	19 (17,0%)
Afecção em lente	18	1	-	19 (17,0%)
Sistema lacrimal	16	1	2	19 (17,0%)
Outros	7	1	-	8 (7,14%)
Afecção em retina	5	1	-	6 (5,36%)
Afecção em úvea	6	-	-	6 (5,36%)
Afecção em bulbo	5	-	-	5 (4,46%)
Afecção em íris	2	1	-	3 (2,68%)
Afecção em conjuntiva	2	-	-	2 (1,78%)
Total	102	8	2	112 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.3.1.1 Afecção em pálpebra

As afecções palpebrais representaram uma parcela significativa dos atendimentos observados durante o estágio, totalizando 25 casos, predominantemente em cães (96%), conforme ilustrado na **Tabela 17**. A blefarite foi a condição mais diagnosticada, representando 28% da casuística. Trata-se de um processo inflamatório das pálpebras, frequentemente associado a doenças dermatológicas sistêmicas ou locais, podendo apresentar etiologia congênita, infecciosa, alérgica ou neoplásica.

Tabela 17. Casuística de afecções de pálpebra acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie canina e felina.

Afecções	Canino	Felinos	Total
Blefarite	7		7 (28,0%)
Ectrópio	2		2 (8,0%)
Entrópio	2	1	2 (8,0%)
Distiquíase	2		2 (8,0%)
Cílios ectópicos	1		1 (4,0%)
Triquíase	1		1 (4,0%)
Protusão da glândula da terceira pálpebra	2		2 (8,0%)
Nódulo em pálpebra superior	1		1 (4,0%)
Nódulo em pálpebra inferior	1		1 (4,0%)
Múltiplos nódulos em pálpebra inferior e superior	1		1 (4,0%)
Adenoma de 3ª pálpebra	1		1 (4,0%)
Dermoide em 3ª pálpebra	1		1 (4,0%)
Calázio	1		1 (4,0%)
Meibomite	1		1 (4,0%)
Total	24	1	25(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

Clinicamente, a blefarite caracteriza-se por hiperemia palpebral, edema, prurido ocular, alopecia na região periocular e, em muitos casos, secreção ocular líquida ou espessa. O diagnóstico baseia-se na avaliação clínica, no exame oftálmico completo e investigação do histórico do paciente, incluindo possíveis comorbidades dermatológicas. O tratamento depende da etiologia envolvida e pode incluir antibiótico tópico, anti-inflamatório tópico, higiene palpebral e, em quadros recorrentes ou imunomediados, imunomoduladores tópicos (Rankin, 2018).

A Tabela 18 apresenta os procedimentos ambulatoriais relacionados às afecções palpebrais. Esses envolveram, principalmente, casos distiquíase e cílios ectópicos, nos quais a técnica de eletropilação foi realizada sob sedação. Esse método visa à destruição seletiva dos folículos pilosos, reduzindo o desconforto ocular e prevenindo lesões em córnea. Em um dos pacientes, a eletropilação foi associada à drenagem de calázio, onde visa, desobstruir a glândula de meibômio.

Tabela 18. Procedimentos ambulatoriais de pálpebra realizados em consultório, divididos conforme a espécie.

Procedimento	Canino	Felinos	Total
Eletropilação	3	-	3
Drenagem de calázio	1	-	1
Total	4	-	4 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.3.1.2 Afecção em córnea

As afecções corneanas constituíram o segundo grupo mais prevalente durante o estágio, totalizando 19 casos, com maior representação dos cães (89%) (Tabela 19). Entre estas destacou-se a úlcera indolente, responsável por 31,6% dos atendimentos. Essa condição caracteriza-se por uma úlcera superficial crônica, na qual o epitélio corneano em processo de cicatrização não se adere adequadamente ao estroma subjacente, acredita-se que seja devido a alterações estruturais da membrana basal.

Tabela 19. Casuística de afecções de córnea acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie canina e felina.

Afecções em córnea	Canino	Felinos	Total
Úlcera indolente	6	-	6 (31,6%)
Úlcera em <i>melting</i>	3	1	4 (21,0%)
Úlcera de córnea	3	-	3 (15,8%)
Úlcera profunda	-	1	1 (5,26%)
Ceratite	2	-	2 (10,5%)
Ceratite neutrofilia	1	-	1 (5,26%)
Sequestro córneo	1	-	1 (5,26%)
Dermoide	1	-	1 (5,26%)
Total	17	2	19(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A úlcera indolente foi observada exclusivamente em cães, uma vez que essa afecção não ocorre em felinos. O diagnóstico se baseia no histórico de cronicidade, na resposta terapêutica insatisfatória aos tratamentos convencionais e no padrão característico da coloração de flureceína, evidenciando bordas epiteliais não aderidas e facilmente destacáveis. A manipulação com *swab* estéril permitiu confirmar a não aderência epitelial. O desbridamento mecânico constitui o principal método terapêutico aplicado. Esse procedimento realizado sob anestesia tópica, visa à remoção completa do epitélio solto estimulando a migração e aderência de um novo epitélio saudável ao estroma coreano. Nos casos em que o desbridamento com *swab* mostrou-se ineficiente, pode ser empregado a técnica com a broca de diamante, técnica que permite a abrasão mais homogênea da córnea superficial (Maggs, 2018; Plummer, 2022;

Fossum, 2019). Outras técnicas descritas na literatura, como a ceratectomia em grade ou aplicação de lentes de contato terapêuticas, não foram observadas durante o estágio.

3.3.1.3 Afecção em lente

As afecções relacionadas à lente totalizaram 19 casos durante o estágio (Tabela 20), sendo a maior parte constituídas por diferentes estágios de catarata, predominantemente em cães. A catarata madura foi a principal apresentação clínica, correspondendo a 42,1% dos atendimentos. As principais etiologias observadas foram catarata diabéticas, catarata associada ao hiperadrenocorticismismo e catarata senil, todas condições que alteram a homeostase metabólica do cristalino.

Tabela 20. Casuística de afecção de lente acompanhadas no estágio curricular conforme a espécie.

Afecções	Canino	Felinos	Total
Catarata madura	7	1	8 (42,1%)
Catarata incipiente	3	-	3 (15,8%)
Catarata hipermadura	1	-	1 (2,26%)
Esclerose nuclear	3	-	3 (15,8%)
Luxação de lente	4	-	4 (21,0%)
Total	18	1	19(100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A catarata, definida como opacificação progressiva do cristalino, resulta de alterações bioquímicas nas fibras lenticulares e pode ter origem hereditária, metabólica, secundária a uveítes, traumática ou associada ao processo natural de envelhecimento. A catarata senil, por sua vez, está relacionada ao estresse oxidativo cumulativo e ao envelhecimento das fibras, progredindo lentamente até envolver completamente o cristalino, caracterizando-se como catarata madura. O diagnóstico é baseado no histórico clínico e no exame oftalmológico. (Ofri 2017; Leiva; Peña, 2021)

3.3.1.4 Afecções do sistema lacrimal

As afecções do sistema lacrimal totalizaram 19 casos observados durante o estágio (Tabela 21), com predomínio marcante da ceratoconjuntivite seca (CCS), responsável por 84,2% das ocorrências. A CCS caracteriza-se pela deficiência da fração aquosa do filme lacrimal, resultando em instabilidade da superfície ocular e predisposição a lesões corneanas e conjuntivais.

Tabela 21. Casuística das afecções do sistema lacrimal conforme a espécie.

Afecções	Canino	Felinos	Coelho	Total
Ceratoconjuntivite seca	16	-	-	16 (84,2%)
Ducto lacrimal obstruído	1	1	-	1 (5,26%)
Dacrocistite	-	-	2	2 (10,5%)
Total	16	1	2	19 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A CCS manifesta-se clinicamente por hiperemia conjuntival, blefaroespasm, secreção mucopurulenta espessa, vascularização superficial, prurido, opacificação da córnea e, em casos crônicos, ceratite pigmentar. Em situações mais graves, pode comprometer a integralidade da córnea, com desenvolvimento de úlceras. Essa afecção é amplamente descrita em cães, enquanto sua ocorrência em felinos é considerada rara (Gelatt, 2021; Maggs, 2018). As etiologias podem ser congênitas, como aplasia da glândula lacrimal, ou adquiridas, sendo as mais frequentes as doenças autoimunes, uso de medicamentos, como sulfanamidas, problemas neurológicas, trauma, infecções, doenças hormonais e idade avançada. O diagnóstico é feito pelo teste de Schirmer, com valores abaixo de 15 mm/min, indicam baixa produção lacrimal. Pode ser realizados teste com fita ou colírio de fluoresceína para verificar a superfície córnea. O tratamento base, indicado para a vida toda, é o uso de colírios lubrificantes. Após descoberta e tratamento da causa primária (Maggs, 2018; Gelatt, 2021).

Durante estágio, foi também registrado um caso em cão de obstrução de ducto nasolacrimal, no qual foi realizada desobstrução mecânica sob sedação, e dois casos de dacriocistite em coelhos, caracterizados por inflamação do ducto nasolacrimal, geralmente associada por problemas dentários.

3.3.1.5 Outros

Oito casos classificados como outras afecções oftálmicas (Tabela 22), na qual o glaucoma representou a maioria dos diagnósticos (75,0%), todos em cães. Entre estes, identificou-se um caso de uveíte imunomediada, enquanto outros dois foram secundários à luxação de lente, condição reconhecida como fator predisponente para o aumento abrupto da pressão intraocular.

Tabela 22. Outras afecções acompanhadas no período de estágio curricular conforme a espécie.

Outras afecções	Canino	Felinos	Total
Glaucoma	6	-	6 (75,0%)
Floridas spots	-	1	1 (12,5%)
Mastocitoma em face	1	-	1 (12,5%)
Total	7	1	8 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

O glaucoma caracteriza-se pelo aumento da pressão intraocular (PIO), decorrente do desequilíbrio entre a produção e o escoamento do humor aquoso. Clinicamente, os principais sinais clínicos que os pacientes apresentam é dor ocular intensa, buftalmia, opacificação da córnea por edema estromal, neovascularização e prostração. A aferição da PIO por tonometria é fundamental para a confirmação diagnósticas, valores fisiológicos da PIO variam de 15 a 25mmHg. Leituras superiores são compatíveis com glaucoma e exigem intervenções rápidas. Nos casos em que o tratamento clínico não promove controle adequado da pressão, é indicado a enucleação como medida para melhor qualidade de vida do paciente. (Gelatt, 2021).

3.3.1.6 Afecção em retina

As afecções retinianas totalizaram seis casos acompanharam durante o estágio, destacando-se duas doenças de grande relevância clínica por cursarem com cegueira, a atrofia progressiva de retina (APR) e a síndrome de degeneração retiniana adquirida súbita (SARDS), ambas representando igualmente 50% dos diagnósticos, ilustradas na Tabela 23.

Tabela 23. Afecção em retina acompanhadas no período de estágio curricular conforme a espécie.

Afecções	Canino	Felinos	Total
Atrofia progressiva de retina (APR)	2	1	3 (50%)
Síndrome da Degeneração Retiniana Adquirida Súbita (SARDS)	3		3 (50%)
Total	5	1	6 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A APR consiste em uma degeneração bilateral, hereditária e progressiva dos fotorreceptores, levando à perda visual irreversível. Nos casos acompanhados, a avaliação oftalmológica revelou alterações clássicas descritas na literatura, incluindo atenuação dos vasos da retina, hiperrefletividade do tapete lúcido e a opacificação do nervo óptico. O diagnóstico foi confirmado pela ERG, que demonstrou respostas compatíveis com a APR. Embora rara em felinos, conforme Gelatt (2021), observou-se um caso durante o estágio, constituindo um achado incomum e relevante.

A SARDS foi identificada em três cães adultos, condizendo com o perfil amplamente descrito. A doença caracteriza-se por instalação abrupta de cegueira, acompanhada de midríase bilateral não responsiva. Na fundoscopia, o achado esperado é da retina inicialmente com aparência normal ou com discreto edema retiniano difuso, o que foi observado a retina com aparência normal em ambos os casos. A ERG, método de escolha para a confirmação diagnóstica, evidencia ausência total de resposta elétrica. A etiologia permanece desconhecida (Maggs, 2018).

3.3.1.7 Afecção em úvea

A uveíte foi identificada em seis cães, todos os casos apresentando etiologias secundárias, associadas a outras afecções oculares. As afecções uveais observadas durante o estágio foram agrupadas sob termo uveíte, que designa o processo inflamatório envolvendo uma ou mais estruturas do trato uveal, como íris, corpo ciliar e coroide.

Trata-se de uma condição relativamente frequente em cães e gatos, podendo manifestar-se de forma isolada, como entidade primária, ou secundária a doença sistêmica (sugestivo quando bilateral), sobretudo aquelas de origem infecciosas, imunomediadas, neoplásicas ou traumáticas. Sua etiologia é multifatorial, demanda investigações clínicas. Clinicamente os sinais incluem a dispersação de proteínas e células no humor aquoso, hiperemia conjuntival, congestão dos vasos circuncorneanos, edema corneano, diminuição da PIO, pode apresentar diminuição da visão, hifema, hipópio, precipitados ceráticos, miose, dor, efusão coroidiana, granulomas, neurite óptica, descolamento de retina, hemorragia retiniana e opacidades vítreas (Pontes 2015; Gelatt, 2021). É de grande importância o diagnóstico precoce, visando o controlar o processo inflamatório e prevenir de complicações como glaucoma secundário e cegueira permanente.

3.3.1.8 Afecção em globo ocular

Foram registrados cinco casos envolvendo afecções do globo ocular durante o período de estágio (Tabela 24), dos quais dois foram classificados como *phthisis bulbi* ou atrofia do globo ocular. Essa condição caracteriza-se pela atrofia severa e progressiva do globo ocular, geralmente secundária a processos inflamatórios intensos e de longa duração. Nos casos acompanhados, a *phthisis bulbi* ocorreu como consequência de uma perfuração corneana profunda em um paciente e, no outro, em decorrência de uma uveíte grave e crônica. Em ambos os quadros, o olho tornou-se estrutural e funcionalmente inviável, apresentando ausência de resposta visual e redução marcante do tamanho ocular. (Maggs, 2018; Borges, 2024).

Tabela 24. Afecções em bulbo acompanhadas durante o período de estágio distribuídas conforme a espécie.

Afecções	Canino	Felinos	Total
<i>Phthisis bulbi</i>	2	-	2 (40,0%)
Tumor retrobulbar	1	-	1 (20%)
Abcesso retrobulbar	1	-	1 (20%)
Enoftalmia	1	-	1 (20%)
Total	5	-	5 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

3.3.1.9 Afecção em íris

Foram registrados três casos de afecção envolvendo a íris, dos quais correspondiam à atrofia senil de íris em cães. A atrofia senil é um afinamento espontânea e progressiva do estroma ou da margem pupilar, sendo amplamente descrita em cães idosos, independente da raça. Clinicamente, essa alteração manifesta-se inicialmente por uma mudança sutil da coloração da íris, com desbotamento progressivo e áreas de hiperpigmentação decorrentes da exposição do epitélio pigmentar posterior à medida que o estroma se degenera (Hendrix, 2021). À medida que o processo evolui, é comum observar as irregularidades na borda pupilar, resultante da perda de tecido. A atrofia dos músculos irianos pode levar à discoria e a reflexos pupilares reduzidos ou ausentes. Apesar das alterações anatômicas marcantes, a atrofia senil da íris não compromete a visão, embora casos avançados possam causar fotofobia

O terceiro caso correspondeu a uma suspeita de linfossarcoma envolvendo a íris em um felino. Entretanto, não foi possível aprofundar a investigação diagnóstica, uma vez que a responsável optou por interromper a realização de exames complementares.

3.3.1.10 Afecção em conjuntiva

Durante o período de estágio foram observados dois casos de dermoide conjuntival, que apresenta-se como uma malformação congênita caracterizada pela presença de tecido totalmente diferenciado em uma localização atípica, podendo estar localizado na córnea ou conjuntiva. Estruturalmente, o dermoide ocular pode conter elementos típicos de pele normal, incluindo epitélio queratinizado, tecido glandular e gordura. As anormalidades surgem de forma espontânea em animais de qualquer raça, embora se sugira um padrão de herança multifatorial em felinos da raça Birmanês. A excisão cirúrgica representa o tratamento de escolha, sendo considerada curativa na maioria dos casos. A técnica cirúrgica, entretanto, deve ser individualizada conforme a extensão, profundidade e localização em cada paciente (Cook, 2021; Rankin, 2018).

3.4 CLÍNICA CIRÚRGICA OFTALMOLÓGICA VETERINÁRIA

Durante o estágio, foram acompanhados 25 procedimentos cirúrgicos (Tabela 25), distribuídos entre diferentes afecções do sistema oftálmico e correspondentes a 18 pacientes no total. As cirurgias contemplaram intervenções palpebrais, corneanas e procedimentos de enucleação do globo ocular. O procedimento cirúrgico de maior prevalência foi a blefaroplastia em V, sendo 24,0% dos casos.

Tabela 25. Procedimentos cirúrgicos, divididos em sistema sensorial ocular conforme a espécie.

Procedimentos	Canino	Felinos	Total
Blefaroplastia em V	6	-	6 (24,0%)
Blefaroplastia em H	-	1	1 (4,00%)
Enucleação	4	-	4 (16,0%)
Hotz celsus inferior bilateral	1	2	3 (12,0%)
Hotz celsus superior bilateral	1	1	2 (8,00%)
Enxerto conjuntival pediculado	1	1	2 (8,00%)
Ritidectomia	1	-	1 (4,00%)
Reintervenção da ritidectomia	1	-	1 (4,00%)
Cantotomia	1	-	1 (4,00%)
Ceratectomia lamelar	-	1	1 (4,00%)
Exérese de dermoide conjuntival	1	-	1 (4,00%)
Sepultamento da glândula da terceira pálpebra	1	-	1 (4,00%)
Ceratectomia superficial	-	1	1 (4,00%)
Total	18	7	25 (100%)

Fonte: Arquivo pessoal (2025).

A blefaroplastia em V, também denominada V-plastia ou Y-plastia constitui uma técnica amplamente empregada na correção de defeitos palpebrais localizados. É indicada para correção de ectrópio, remoção nódulos palpebrais de pequeno a médio tamanho e para a reconstrução de lesões traumáticas envolvendo até um terço da margem palpebral. O procedimento baseia-se na excisão de um segmento em formato de V e a síntese é realizada aproximando tecidos com precisão e garantindo aposição anatômica perfeita da margem palpebral, frequentemente empregando-se o ponto em oito, técnica que mantém a aposição das pálpebras. A V-plastia proporciona um excelente resultado funcional e estético, especialmente em cães (Fossum, 2019; Maggs, 2018; Pot, 2021).

Nos casos acompanhados durante o estágio, a maioria das indicações ocorreu em cães. Entre os seis procedimentos observados, cinco foram motivados pela presença de nódulos palpebrais, acometendo pálpebras superior e inferior, e um caso foi destinado à correção de ectrópio.

4 CONCLUSÃO

O Estágio Curricular Supervisionado representou um marco essencial na minha formação acadêmica, oferecendo uma vivência prática que dificilmente seria alcançada apenas em sala de aula. A escolha dos locais de estágio mostrou-se extremamente acertada, pois possibilitou o acompanhamento de uma casuística ampla e diversificada, permitindo contato direto com diferentes procedimentos cirúrgicos e afecções oftálmicas. A atuação ao lado de profissionais experientes contribuiu significativamente para o desenvolvimento do meu raciocínio clínico, aprimoramento técnico e segurança na realização de procedimentos. Dessa forma, o estágio curricular consolidou os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação e confirmou meu interesse pelas áreas escolhidas, preparando-me de maneira sólida para as próximas etapas da carreira.

REFERÊNCIAS

BLACKWOOD, L. et al. European consensus document on mast cell tumours in dogs and cats. **Veterinary And Comparative Oncology**, v. 10, n. 3, p. 1-29, 7 ago. 2012. Wiley. DOI: 10.1111/j.1476-5829.2012.00341.x.

BORGES VAZ, Bruna; DA SILVA FLORES, Fabiano; FERREIRA FONTANA, Marcelo; FELIPE DUTRA CORRÊA, Luís. Phthisis bulbi em Canino Braquiocefálico Após Ceratite Ulcerativa Profunda. **Salão do Conhecimento**, v. 10, n. 10, 2024. Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/26001>. Acesso em: 24 out. 2025.

CARVALHO, Vanessa Graciela Gomes *et al.* Importância da radiografia intra-oral em tratamentos periodontais de cães e gatos: relato de três casos. **Revista Brasileira de Ciência Veterinária**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 69-74, 2019. Editora Cubo. <http://dx.doi.org/10.4322/rbcv.2019.013>.

CASSALI, Geovanni D. et al. Consenso sobre o diagnóstico, prognóstico e tratamento de tumores mamários caninos e felinos - 2019. **Brazilian Journal of Veterinary Pathology**, v. 13, n. 3, p. 555–574, 2020. DOI: 10.24070/bjvp.1983-0246.v13i3p555-574. Disponível em: <https://bjvp.org.br/bjvp/article/view/313>

COOK, Cynthia S. Ocular embryology and congenital malformations. In: GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. Cap. 1.

ENLUND, Karolina Brunius et al. Dental home care in dogs – a questionnaire study among Swedish dog owners, **veterinarians and veterinary nurses**. **BMC Veterinary Research**, v. 16, n. 1, p. 1-20, 18 mar. 2020. DOI: 10.1186/s12917-020-02281-y.

FOSSUM, Theresa Welch. **Cirurgia de Pequenos Animais**. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021. Ebook. ISBN 9788595157859. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595157859>.

GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed., 2 v. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021.

GIOSO, M. A. **Odontologia veterinária para o clínico de pequenos animais**. São Paulo: Ieditora, 2003. p. 202.

HARVEY, Naomi D. et al. How Old Is My Dog? Identification of Rational Age Groupings in Pet Dogs Based Upon Normative Age-Linked Processes. **Frontiers in Veterinary Science**, v. 8, p. 1, 27 abr. 2021. DOI: 10.3389/fvets.2021.643085.

HENDRIX, Diane V. H. Diseases and surgery of the canine anterior uvea. In: GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. Cap. 21.

IAMAGUTI, Paulo et al. Ruptura do ligamento cruzado em cães: estudo retrospectivo da reconstituição com fásia lata. **Ciência Rural**, v. 28, n. 4, p. 609-615, 1998. DOI: 10.1590/s0103-84781998000400012.

KIUPEL, M. et al. Proposal of a 2-Tier Histologic Grading System for Canine Cutaneous Mast Cell Tumors to More Accurately Predict Biological Behavior. **Veterinary Pathology**, [S.L.], v. 48, n. 1, p. 147-155, 9 nov. 2010. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0300985810386469>.

LEIVA, Marta; PEÑA, Teresa. Diseases of the lens and cataract formation. In: GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. Cap. 22.

LEMMONS, Matthew S. **Pathogenesis of Periodontal Disease**. In: LEMMONS, Matthew S. *Veterinary Dentistry: A Team Approach*. 4. ed. [S. l.]: Elsevier, 2025. Cap. 6.

LONDON, C. A.; THAMM, D. H.; VAIL, D. M. Mast cell tumors. In: WITHROW, S. J.; MAC EWEN, E. G. **Small Animal Clinical Oncology**. 6. ed. Philadelphia: Elsevier, 2019. p. 382–397.

LUNN, K. F.; BOSTON, S. E. Tumors of the Endocrine System. In: VAIL, D. M.; THAMM, D. H.; LIPTAK, J. M. (eds.). **Withrow & MacEwen's Small Animal Clinical Oncology**. 6. ed. St. Louis: Elsevier, 2020. p. 565-596.

MACHADO, Marília Alves et al. Mastocitoma Cutâneo Disseminado Canino: relato de caso. **Revista de Saúde**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 26-29, 4 jun. 2018. Universidade Severino Sombra. <http://dx.doi.org/10.21727/rs.v9i1.1300>.

MACIEL, Vitória de Oliveira et al. Doença periodontal em cães: uma série de 43 casos atendidos na serra gaúcha. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 3, p. 1-8, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i3.26769.

MACPHAIL, Catriona; FOSSUM, Theresa W. Surgery of the Cardiovascular System. In: FOSSUM, T. W. (ed.). **Small Animal Surgery**. 5. ed. Philadelphia: Elsevier, 2019. p. 788–832.

MACPHAIL, Catriona; FOSSUM, Terry W. Surgery of the Reproductive and Genital Systems. In: FOSSUM, Theresa W. (ed.). **Small Animal Surgery**. 5. ed. St. Louis: Elsevier, 2019. p. 720.

MAGGS, D. J. Córnea e esclera. In: **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. St. Louis, Missouri: Elsevier/Saunders, 2018.

MAGGS, D. J. The Ophthalmic Examination and Diagnostic Testing. In: **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. St. Louis, Missouri: Elsevier/Saunders, 2018.

MAZZAFERRO, Elisa M. et al. Temporary tracheostomy. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 28, n. 3, p. 74-78, 2013. DOI: 10.1053/j.tcam.2013.06.002.

MELO, I. H. S. et al. Mastocitoma cutâneo em cães: uma breve revisão. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v. 11, n. 1, p. 38–48, 2013.

MILLER, Paul E. The Glaucomas. In: **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. St. Louis: Elsevier/Saunders, 2018. Cap. 12, p. 279.

OBLAK, Michelle L. et al. Perioperative management and outcome of bilateral adrenalectomy in 9 dogs. **Veterinary Surgery**, v. 45, n. 6, p. 790-797, 2016. DOI: 10.1111/vsu.12514.

OFRI, Ron. Diseases of the Lens. In: **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. St. Louis, Missouri: Elsevier/Saunders, 2018.

PATNAIK, A. K. et al. Canine cutaneous mast cell tumor: morphologic grading and survival time in 83 dogs. **Veterinary Pathology**, v. 21, n. 5, p. 469-474, 1984. DOI: 10.1177/030098588402100503.

PITT, Kathryn A. et al. Laparoscopic adrenalectomy for removal of unilateral noninvasive pheochromocytomas in 10 dogs. **Veterinary Surgery**, v. 45, n. 1, 2016. DOI: 10.1111/vsu.12552.

PLUMMER, Caryn E. Equine ophthalmology. In: GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. Cap. 29.

PONTES, K. C. D. S.; VIANA, J. A.; DUARTE, T. S. Etiopatogenia da uveíte associada a doenças infecciosas em pequenos animais. **Revista Ceres**, v. 309, 2015. Disponível em: <https://ojs.ceres.ufv.br/ceres/article/view/3181>. Acesso em: 30 out. 2025.

POT, Simon A.; VOELTER, Katrin; KIRCHER, Patrick R. Diseases and surgery of the canine orbit. In: GELATT, K. N. et al. (eds.). **Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2021. Cap. 22.

RANKIN, Amy J.; SOTTON, Gila A. Livestock Ophthalmology. In: **Slatter's Fundamentals of Veterinary Ophthalmology**. 6. ed. St. Louis: Elsevier/Saunders, 2018. p. 471.

RIBAS, Cristina Rauen et al. Alterações clínicas, epidemiológicas, citológicas, histológicas e estadiamento de cães com neoplasias mamárias. **Archives of Veterinary Science**, v. 17, n. 1, p. 1-10, 2012. DOI: 10.5380/avs.v17i1.24107.

RUEDA, Jr. et al. Mammary neoplasms in female dogs: clinical, diagnostic and therapeutic aspects. **Veterinární Medicína**, v. 69, n. 4, p. 99-114, 2024. DOI: 10.17221/4/2024-vetmed.

SILVA, Kamila Cristina Martins da et al. Utilização do retalho de padrão subdérmico inguinal bilateral e da tela de polipropileno após ressecção de neoplasma mamário: relato de caso. **Pubvet**, v. 17, n. 13, p. e1503, 2023. DOI: 10.31533/pubvet.v17n13e1503.

TOBIAS, K. M.; JOHNSTON, S. A. (Ed.). **Veterinary Surgery: Small Animal**. 2. ed. v. 1. St. Louis: Elsevier, 2018. ISBN 978-0-323-50966-4.

TORÍBIO, Julia Morena de Miranda Leão et al. Caracterização clínica, diagnóstico histopatológico e distribuição geográfica das neoplasias mamárias em cadelas de Salvador, Bahia. **Revista Ceres**, v. 59, n. 4, p. 427-433, 2012. DOI: 10.1590/s0034-737x2012000400001.

VILLAMIL, J. A. et al. Identificação das neoplasias cutâneas mais comuns em cães e avaliação da distribuição por raça e idade. **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 239, n. 7, p. 960–965, 2011. DOI: 10.2460/javma.239.7.960.

YU SPEIGHT, Audrey; CHO, Jane; FOSSUM, Theresa W. Surgery of the Eye. In: FOSSUM, Theresa W. (ed.). **Small Animal Surgery**. 5. ed. Philadelphia: Elsevier, 2019. p. 266–301.